



**Always ready for Operation
Now ready for Portugal**

GENERATION STEYR

O Ministério da Defesa de Portugal encomendou à Steyr-Daimler-Puch Spezialfahrzeug GmbH o fornecimento de 260 blindados de rodas PANDUR, dos quais 20 viaturas são anfíbias. Todas as viaturas são produzidas na versão 8x8 e em 15 variantes diversas a fornecer às Forças Armadas terrestres e à Marinha portuguesas. O armamento inclui variantes com a torre Steyr SP 30 e abrange desde a metralhadora cal. 12,7 mm até ao Morteiro cal. 120 mm.



STEYR-DAIMLER-PUCH
SPEZIALFAHRZEUG GMBH
A GENERAL DYNAMICS COMPANY



P.O.B. 100, A-1111 Vienna, Austria, Phone: +43-1-760 64
Fax: +43-1-769 81 49, Homepage: www.steyr-ssf.com



REVISTA

**da
CAVALARIA**

Revista Quadrimestral de Cavalaria | Março 2005 | 3ª Série | Ano III | Nº 5



**Reconhecimento
e Carros de Combate
no Século XXI**

MILAN 3
UM NOME DO SÉCULO XX
COM A EFICÁCIA DO SÉCULO XXI



TECNOLOGIA AVANÇADA PARA
UMA MAIOR CAPACIDADE DE DEFESA

12, rue de la Redoute - 92260 FONTENAY-AUX-ROSES - FRANCE
 Tel. 33 (1) 41 87 14 14 - Fax: 33 (1) 46 61 64 67 - e-mail: marketing@euromissile.fr



MONTAGREX - OPTAGREX
 Sociedade Particular de Importações e Exportações, Lda.



Sumário

■ Palavras do Director Honorário da Arma _____	4
Tenente General Velasco Martins	
■ Editorial _____	5
MAJCav Francisco Amado Rodrigues	
■ Correio do Leitor _____	7
■ «O Contributo das Unidades de Reconhecimento na Decisão Militar.» _____	8
MAJInf Luís Barroso	
■ «A Segurança Militar no Futuro.» _____	16
TENCav Ferreira	
■ «Helicóptero - Carro de Combate: Um par de dança quase perfeito!» _____	23
TCOR Emilio Mendez	
■ «Chegou a hora de substituir as armas ligeiras!» _____	27
MAJCav Pedro	
■ «A Cavalaria Portuguesa nas Forças de Reacção Rápida da NATO.» _____	32
MAJCav Mateus	
■ Livros / Artigos / Revistas / Sites _____	38
■ Resenha de Actividades das Unidades _____	46
■ Promoções, Nomeações e Óbitos _____	54

■ FICHA TÉCNICA

Propriedade
 Associação Revista da Cavalaria

Director
 MAJ Francisco Amado Rodrigues

Chefe de redacção
 MAJ José Miguel Freire

Redacção
 CAP Sérgio Paulo Santos

Revisão
 MAJ Francisco Amado Rodrigues
 MAJ José Miguel Freire

Execução gráfica
 SOARTES - artes gráficas, lda.

Depósito Legal
 203499/03

Palavras do Director Honorário da Arma



Velasco Martins
Tenente General

A Cavalaria é útil, antes, durante e depois da Batalha.

Napoleão

Lendo as publicações militares de há um século atrás constatei que os nossos camaradas de então se preocupavam com o que devia ser o futuro da Cavalaria e as opiniões se dividiam entre os "materialistas da guerra", que colocavam os diferentes dados em equação e procuravam de uma forma puramente científica extrair conclusões e os "moralistas", que não distinguiam na guerra mais do que a luta de duas vontades colectivas antagónicas.

Tinham-se mais uma vez alterado as circunstâncias e ultrapassadas as épocas "da Bravura", com as hordas de moradores ou de vizinhos, da "Cavalaria", com os exércitos senhoriais, "da Pólvora", com os exércitos profissionais e mercenários, estava-se em plena "Época do Vapor", com as Nações em Armas, segundo a esclarecida caracterização do General Fuller,

TGEN VELASCO MARTINS
Director Honorário da Arma de Cavalaria.

urgindo decidir entre a manutenção da prevalência da espada e a nova realidade materializada pela bala.

Passadas cerca de duas décadas sobre o momento em que participámos com entusiasmo na elaboração de um Regulamento de Campanha de Operações que substituiu o então obsoleto Regulamento de 1971, elaborado num período em que as preocupações do Exército estavam essencialmente viradas para o conflito que enfrentávamos em África, está

Sendo um documento fundamental na transformação do Ramo, que terá de ser complementado por regulamentos de emprego específicos da Arma, espera-se de todos os "Cavaleiros" uma total disponibilidade para participar de forma pragmática na discussão conceptual do que deve ser a Cavalaria, discutindo ideias e colaborando com o entusiasmo que tal matéria nos deve merecer na procura de uma doutrina bem fundamentada e que nos ajude a enfrentar com segurança os sempre difíceis caminhos do futuro.

Contamos com todos no fórum privilegiado de discussão de conceitos que deve ser para a Arma, a Revista da Cavalaria.

em curso a elaboração de um novo Regulamento adequado às novas condições que hoje balizam o que deverá ser a organização do Exército de Campanha. Sendo um documento fundamental na

transformação do Ramo, que terá de ser complementado por regulamentos de emprego específicos da Arma, espera-se de todos os "Cavaleiros" uma total disponibilidade para participar de forma pragmática na discussão conceptual do que deve ser a Cavalaria, discutindo ideias e colaborando com o entusiasmo que tal matéria nos deve merecer na procura de uma doutrina bem fundamentada e que nos ajude a enfrentar com segurança os sempre difíceis caminhos do futuro.

Contamos com todos no fórum privilegiado de discussão de conceitos que deve ser para a Arma, a Revista da Cavalaria.■

1. BALANÇO DE 2004

A actual Direcção da Associação Revista da Cavalaria congratula-se com o envolvimento dos seus sócios e colaboradores na prossecução dos objectivos delineados na 1ª Assembleia Geral de 28 de Outubro de 2004, que eram os seguintes:

- Editar quadrimestralmente a Revista da Cavalaria, produzindo três números;
- Assegurar a margem financeira necessária e suficiente para a produção da Revista da Cavalaria e sua distribuição nos actuais moldes;
- Cooperar, em regime de parceria com a EPC, nas comemorações do Centenário da Revista da Cavalaria;
- Promover o incremento de sócios até se alcançar o número 300.

Relativamente aos três primeiros aspectos, estes foram completamente satisfeitos: três números editados; saldo positivo de 4.124,73 Euros em 31 de Dezembro de 2004; e colaboração com a EPC na programação e execução de várias actividades

MAJ CAV Francisco Amado Rodrigues
Academia Militar.

relacionadas com as comemorações do Centenário da Revista da Cavalaria. Quanto ao último, constitui um dos objectivos para se alcançar durante o presente ano.

2. PROGRAMA DE ACTIVIDADES PARA 2005

Em 16 de Fevereiro de 2005, na 2ª Assembleia Geral da Associação Revista da Cavalaria, foi aprovada a proposta de programa de actividades para 2005. Desse programa destacamos as seguintes actividades:

- Atingir o número 300 (associados);
- Elaborar a proposta de Regulamento da Associação para discussão e aprovação em 2006;
- Editar o cartão de sócio;
- Promover encontros de reflexão sobre "O estado da Cavalaria em Portugal", em parceria com as Unidades de Cavalaria, realizando em 2005 "O estado das Unidades de Reconhecimento".

Relativamente a esta última actividade, a actual Direcção da Associação considera o teor inscrito no suplemento de 2003 - "Uma perspectiva para o futuro"

Editorial

das componentes nucleares da Arma de Cavalaria - e o processo de transformação que ocorre no Exército Português, extensível à nossa Arma, o ponto de partida para:

- avaliar o estado actual das unidades de reconhecimento;
- prospectar a sua missão, organização e meios;
- identificar a existência ou não de paridade entre o que foi preconizado naquele suplemento e o que está sendo processado realmente no seio do Exército.

3. ATRASO NA EDIÇÃO DO ACTUAL NÚMERO

É nosso dever pedir desculpas aos associados e colaboradores pelo atraso intolerável verificado na publicação do actual número. Por motivos estranhos à nossa vontade, mas conscientes da importância dos mesmos para assegurar a sustentabilidade financeira da Associação, houve necessidade de retardar a sua impressão de forma a harmonizar os nossos interesses e os dos colaboradores, em termos de publicidade. Desejamos que esse tipo de ocorrência não se repita, pois é geradora de perturbação, de incerteza e de desconfiança.

4. O TEMA NUCLEAR DESTE NÚMERO...

... é sobre "Reconhecimento e Carros de Combate no Século XXI". O espaço temporal de um século é muito vasto para se tecerem análises credíveis acerca da futura missão e meios, quer de reconhecimento quer de carros de combate.

Contudo, as tendências são evidentes e o início do século XXI permite identificar as seguintes linhas de força:

- As unidades de reconhecimento são cada vez mais imprescindíveis no campo de batalha, pela natureza da sua missão, doutrina de emprego e meios (terrestres e aéreos) tecnologicamente avançados de que dispõe para a obtenção e transmissão de notícias. Por esta via, aquelas unidades possibilitam ao Comandante do escalão superior a tomada de decisão de forma mais rápida e apropriada, e os planos e ordens são melhor fundamentados para combater a ameaça.

- Os carros de combate são o meio blindado terrestre mais sofisticado do campo de batalha e o seu emprego no combate em áreas edificadas requer maior cooperação entre si, viaturas de combate de infantaria e helicópteros. Em Portugal foi dado um passo significativo na implementação desse conceito (cooperação) pela criação do Agrupamento Mecanizado para as forças NRF 5, atestando a importância con-

cedida àquele sistema de armas nos actuais e futuros teatros de operações. A nossa Arma continua a ser detentora do conhecimento sobre carros de combate e deve valorizar esse facto como um dos seus saberes fundamentais e identitários.

Estes e outros assuntos, designadamente do armamento ligeiro, serão adiante desenvolvidos nos diversos artigos e cujos autores merecem desde já o nosso bem hajam!

Na "Linha Editorial" mantém-se o quadro referente à data de publicação dos três próximos números, às datas limites de entrega dos conteúdos e aos temas centrais propostos pela Redacção. No "Correio do Leitor" publicamos a carta do COR Cav Carlos Potier, ilustre Comandante do Regimento de Cavalaria da GNR.

Em "Livros/Artigos/Revistas/Sites" recomenda-se a seguinte

leitura: o livro "Armoured Fighting Vehicles", sobre especificações técnicas de carros de combate e de viaturas blindadas; a revista "Raids", de Janeiro e de Fevereiro de 2005, sobre a Arma de Cavalaria Francesa; e o documento do Estado Maior do Exército Português que apresenta o quadro orgânico do Esquadrão de Reconhecimento e do Grupo de Auto-metralhadoras, ambas unidades da Brigada de Intervenção.

Na "Resenha de Actividades das Unidades", mantém-se a participação das tradicionais Unidades de Cavalaria e do GALE, acrescida do Regimento de Cavalaria da GNR e cujo facto assinalamos com muito regozijo. Também formulamos votos para que a sua colaboração se processe de forma regular e permanente.

Finalmente, o espaço destinado a alguma informação interna sobre a família cavaleira e relacionada com "Promoções, Nomeações e Óbitos".

Linha editorial

Para os próximos números os temas serão:

Nº	Data da Publicação	Data limite de entrega	Tema
6	Julho 2005	31 Maio 2005	A equitação militar.
7	Novembro 2005	30 Setembro 2005	Factos e figuras da história da cavalaria.
8	Março 2006	31 Janeiro 2006	Formação e instrução na cavalaria.

Os artigos não deverão ultrapassar as 3500 palavras e, sempre que possível, acompanhados de fotografias, mapas ou outras imagens que o autor entenda convenientes.

Independentemente do tema central, a Revista mantém fixas as seguintes secções:

- Editorial.
- Cartas à Direcção.
- Livros / Artigos / Revistas / Sites.
- Resenha de Actividades de Unidades.

Correio do leitor

Exm.º Senhor Director da "Revista da Cavalaria"

Desde já, os nossos agradecimentos à Direcção da Revista da Cavalaria, pelo amável convite que nos foi feito para colaborar com alguns artigos.

Como Comandante do Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana, como Militar e como Cavaleiro é com muita honra e orgulho que dou início a uma colaboração entre esta Unidade e essa prestigiada Revista, colaboração esta que da nossa parte se pretende

que venha a manter-se regular e permanente.

Este nosso pequeno contributo pretende atingir dois objectivos: por um lado ajudar à continuidade da Revista, pois consideramos que ela é muito importante para a Arma, não só pela qualidade dos seus artigos mas também pela união e coesão que fomenta entre Cavaleiros e, por outro lado, poderemos desta forma contribuir para um melhor conhecimento desta Unidade, que com alguma vaidade afirmamos que é herdeira das Unidades de Cavalaria da Guarda

Real de Polícia e fiel depositária das nobres tradições da Cavalaria Portuguesa.

Esta primeira contribuição é um breve resumo geral da nossa história, missão e principais actividades que desenvolvemos, ficando para futuras colaborações, artigos mais específicos sobre a nossa Unidade.

Para terminar, os maiores êxitos para a Revista.

Ao Galope, ao Galope, ao Galope, à Carga!

Carlos Alberto Malheiro Potier
CORCav

totta

Sempre de Acordo consigo

totta

Quem quer um banco, vai ao Totta.

Soluções de Crédito

- Crédito Habitação
- Cartões
- Crédito Especializado

O protocolo entre o Estado Maior do Exército e o Totta permite a contratação de produtos financeiros em condições privilegiadas, que resultam em vantagens garantidas para os colaboradores daquela Instituição. Consulte o balcão mais próximo do Totta, ou contacte-nos através dos números 808 26 38 48, ou de E-mail: protocolos@totta.pt, para conhecer todas as vantagens associadas ao Protocolo.

OFERTA

Oferta

Um Leitor de DVD LG para clientes que domiciliem o seu vencimento durante 2 anos e subscrevam um cartão de crédito. Uma Máquina Fotográfica Digital para clientes que domiciliem o seu vencimento durante 2 anos e efectuem um Crédito à Habitação ou Crédito ao Consumo ou uma Aplicação com mínimo de 2.500 Euros com um prazo mínimo de um ano.

(*) Campanha válida até 30 de Junho de 2005. Condição ao stock existente.

O Contributo das Unidades de Reconhecimento na Decisão Militar

1. INTRODUÇÃO

A época em que vivemos é denominada por muitos como a Era da Informação, o que tem induzido a maioria dos pensadores de assuntos militares a procurar, incessantemente, o modo de tornar a vantagem tecnológica numa vantagem operacional decisiva.

“Embragados” pelo sucesso militar em 1991 no Kuwait e Iraque, os norte-americanos desenvolveram um conceito operacional, expresso no *Joint Vision 2010* (JV 2010), que apresenta o combate do futuro baseado na superioridade tecnológica¹, operacionalizado através de quatro conceitos: manobra dominante; empenhamento preciso; protecção multidimensional; e logística focalizada. A arquitectura deste sistema assenta na superioridade da informação, e na premissa de que o comandante dispõe da informação correcta e actualizada a qualquer momento.

Mas o problema para o comandante não é o modo como tem acesso à informação, mas o modo como a adquire.

MAJInf LUÍS BARROSO
DPP/EME.

Este artigo considera central o Comando e Controlo (C2) em operações no século XXI, e reconhece o papel fundamental das unidades de reconhecimento no processo de C2. E como tal, procurámos identificar a importância actual das forças de reconhecimento, relacionando factos e lições aprendidas em combates recentes (Iraque e Afeganistão) para adaptar um Processo de Decisão Militar (PDM) com a finalidade de maximizar o emprego das forças de reconhecimento.

Baseados nestes conceitos, o problema da aquisição da informação poderia estar sumariamente resolvida com a aplicação de sistemas de alta tecnologia assentes em *Unmanned Aerial Vehicles* (UAV), satélites e sensores. Embora possa parecer exagerado, o facto é que a partir da década de 1990 passou a sobrevalorizar-se a tecnologia em detrimento do homem².

Esta assumption poderia questionar o valor das unidades de reconhecimento terrestre no Campo de Batalha (CB) do futuro. No entanto, os conflitos no Afeganistão em 2001 e Iraque em 2003 mostraram que a tecnologia foi uma vantagem temporária e que a aquisição da informação dependeria das acções de reconhecimento terrestre.

2. LIÇÕES RECENTES

Quem esteve atento às imagens no Afeganistão durante as operações *Enduring Freedom* e *Anaconda* reparou que os combates entre as forças da coligação (EUA, Grã-bretanha e Aliança do Norte) e os Taliban foram dominados pelas armas de precisão de longo alcance, guiadas por Forças Especiais. De facto não foi bem assim.

Inicialmente, tirando partido da tecnologia, as forças aliadas atacaram com grande precisão as posições Taliban, porque não tinham cobertura, as comunicações rádio efectuadas sem disciplina e movimentos de forças efectuados a descoberto e acima de tudo pretendiam actuar como forças convencionais, as tornavam um alvo bastante fácil de atingir.

Mas após o choque inicial, os Taliban adaptaram-se à situação e começaram a camuflar as suas posições, a deslocar-se juntamente com a população e a conduzir operações de combate tirando o máximo partido do terreno. De facto, as acções de fogo sobre as forças da coligação passaram a ser executadas a partir de posições não detectadas.

Como é que o emprego de UAV, satélites, aviões de vigilância, etc., não permitiu a detecção dessas posições? O terreno, com abundante cobertura natural ou

artificial, continua difícil de dominar e por isso é facilmente explorável por forças militares. Os sensores tecnologicamente avançados continuam a poder identificar alvos e são extremamente importantes, mas só as forças terrestres que avançam na direcção do opositor, pondo em perigo a sua posição o compelem a identificar-se, obrigando-o a tomar uma decisão (sair ou ficar e combater). Forças bem treinadas podem facilmente identificar posições, localizando a origem de fogos ou movimentos. Foi com este método, durante a operação *Anaconda*, que a maioria das posições dos Taliban foram identificadas³.

Em 2003, no Iraque, a acção das forças de reconhecimento obrigou as forças iraquianas a reagir, tornando-as um alvo fácil para a combinação das armas de precisão e forças terrestres. De facto, a Operação “*Iraqi Freedom*” pode ser considerada como o novo paradigma para a cooperação entre blindados e aviação. Esta operação mostrou o efeito avassalador de uma marcha rápida, ao longo de auto-estradas, levada a cabo por unidades blindadas apoiadas por meios aéreos de asa fixa e pelos helicópteros AH-64 *Apache*. As defesas iraquianas eram penetradas e a agilidade das unidades da frente não permitiam a reorganização das defesas. O emprego destas forças blindadas representa o renascimento da *Blitzkrieg* da década de 1940 e cujo sucesso se deveu fundamentalmente ao emprego de forças de reconhecimento, que obrigava os iraquianos a reagir, determinando a sua localização, pondo-os à mercê da sinergia das forças da coligação.

Nestes dois grandes conflitos do século XXI, provou-se que a eficácia das acções de reconhecimento permitiu ao comandante a disponibilização de informação necessária a executar o ciclo de decisão mais rápido que o seu opositor, cobrindo as lacunas deixadas pelos sistemas electrónicos. Este facto é tanto mais relevante porque a determinação de intenções, dispositivo e pontos fracos é um trabalho a efectuar por combatentes e não está ao alcance dos sistemas electrónicos.

Contudo, estes dados só têm importância decisiva se chegarem ao comandante a tempo de tomar decisões para influenciar a operação. O hiato de tempo que permite ao comandante absorver a informação para influenciar a decisão corresponde ao intervalo de tempo entre a análise das modalidades de acção (m/a) e a tomada da decisão⁴. Este facto implica que uma unidade de reconhecimento receba a sua missão imediatamente após a análise das modalidades de acção do seu escalão superior. Por um lado, esta limitação impede as unidades de reconhecimento de detalhar o seu processo de decisão, nomeadamente a condução detalhada do processo de Preparação do Campo de Batalha pelo Estudo da Informações (IPB) e análise das suas modalidades de acção, o que representa, desde logo, uma restrição na aplicação do processo preconizado no PDM em vigor. Por outro lado, o escalão superior parece não saber aproveitar todo o potencial que uma unidade de reconhecimento representa para o seu ciclo de decisão.

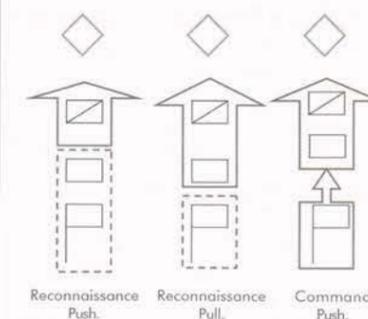
3. O PLANEAMENTO E AS FORÇAS DE RECONHECIMENTO

Os factos atrás descritos, levam-nos a questionar o seguinte:

Será que com este PDM podemos retirar o rendimento máximo das unidades de reconhecimento? Se não, que alteração deve o actual PDM sofrer para poder tirar o máximo partido das unidades de reconhecimento em ambientes operacionais caracterizados pela fricção, fluidez e não-linearidade?

Depois de constataros que a tecnologia ao dispor das forças militares não substitui a acção do combatente, procuraremos apresentar um PDM que facilite o emprego e explore ao máximo o emprego de uma unidade de reconhecimento.

As unidades de reconhecimento podem ser empregues segundo três abordagens: “*Reconnaissance Push*”, “*Reconnaissance Pull*” e “*Command Push*”⁵.



O método “*Reconnaissance Push*” requer que, no processo de planeamento⁶, as forças de reconhecimento sejam articuladas o mais cedo possível. O Estado Maior (EM) usa a informação adquirida para desenvolver o plano. Esta téc-

nica requer que o EM desenvolva factos e hipóteses sobre o opositor com tempo suficiente para permitir orientar o esforço de reconhecimento. Estes factos e hipóteses são geralmente baseados na minuciosa preparação do IPB. À medida que as forças de reconhecimento confirmam ou negam os factos e hipóteses, a informação é transmitida ao EM para completar o plano. O "Reconnaissance Push" requer um plano de pesquisa detalhado e desenvolvido antes do desenvolvimento das m/a. A informação deve ser adquirida e divulgada a tempo de influenciar o processo de planeamento.

O segundo método, "Command Push", é similar ao primeiro na medida em que a informação adquirida é usada para desenvolver o plano ou ordem. A diferença está em que o EM deve desenvolver várias m/a detalhadas antes de articular as forças de reconhecimento.⁷ As forças de reconhecimento são então empenhadas para colher informações detalhadas sobre as capacidades e vulnerabilidades do opositor. O comandante usa a informação para escolher a m/a apropriada, concentrando as suas próprias capacidades contra as vulnerabilidades do opositor.

O terceiro método, "Reconnaissance Pull", também exige forças de reconhecimento para identificar as vulnerabilidades do opositor para que o ataque principal possa explorá-las. O EM prepara um plano flexível, com base em várias m/a possíveis, orientadas pela intenção do comandante. Para executar o Reconnaissance Pull, o comandante deve assegurar-se de que todos os subordinados compreendem a sua intenção porque este

tipo de operação exige uma execução descentralizada, porém sincronizada e integrada. O plano permite a máxima flexibilidade porque as forças de reconhecimento precedem o grosso e colocam continuamente o ataque principal numa posição vantajosa em relação às vulnerabilidades do opositor. O comandante usa uma série de pontos de decisão, com base na informação recebida, para manobrar as forças. No fundo, elaborar um plano que sobreviva ao embate com o opositor e que acima de tudo tire proveito desse contacto, contrariando o "axioma" de que um plano é a primeira baixa em combate.

4. O C2 E AS FORÇAS DE RECONHECIMENTO

Começemos por apresentar o significado operacional das unidades de reconhecimento. A sua finalidade principal é garantir reconhecimento e segurança em operações de combate próximo, facilitando ao escalão superior o emprego da força decisiva. De facto o reconhecimento clarifica o "nevoeiro da guerra". As unidades de reconhecimento servem como catalizador que transforma a guerra de manobra⁸ em capacidade efectiva de combate.

A guerra de manobra é a essência da filosofia do combate moderno. Nesta abordagem a manobra tem um significado físico e um significado metafísico. O significado físico é representado pela ocupação de uma posição de combate vantajosa sobre o opositor, permitindo inclusive, derrotá-lo sem combater⁹.

O significado metafísico é representado pela aplicação judicio-

sa do ciclo de decisão, também conhecido por Ciclo de Boyd ou "OODA loop" (Figura 1).



Figura 1 – Ciclo de Boyd ou "OODA loop". Este processo de C2 aplica-se a conflitos, no qual os antagonistas são indivíduos ou formações militares. É o acrónimo de Observe – Orient – Decide – Act. (Fonte: adaptado de MCDP 6 – Command and Control Theory).

Este ciclo representa o mais simples e eficaz modelo de Comando e Controlo (C2) em operações¹⁰. A cada evento observado (*Observe* – Observar) é criada uma imagem do que o opositor pretende fazer (*Orient* – Visualizar) de modo a prever as várias opções e como tal criar um rol de modalidades de acção (m/a) para que, face aos acontecimentos no Campo de Batalha (CB), se possa mais facilmente decidir (*Decide* – Decidir) e agir (*Act* – Agir), ou não.

Trata-se da descrição básica da sequência do processo de C2. Trata-se de ver e compreender primeiro e actuar de forma decisiva primeiro que o opositor.

Quando empenhados, **observamos** a situação, ou seja, procuramos informação acerca das forças amigas, da Área de Operações (AOp) e do nosso opositor. Após estabelecido o contacto, **visualizamos**, ou seja, elaboramos algumas estimativas, pressupostos, análises e julgamentos acerca da situação para criar uma imagem men-

tal do que se passa, e do seu significado para nós. Baseados na nossa visualização, **decidimos** o que fazer, seja através de uma reacção imediata ou através de um plano deliberado. A seguir pomos a decisão em acção, ou seja, **agimos**. Esta última fase inclui a disseminação da informação, supervisão, *feed-back* de resultados, fechando o ciclo de decisão.

É na execução deste ciclo de decisão que as unidades de reconhecimento desempenham um papel fundamental, porque o comandante deve dispor de um elevado grau de conhecimento da situação para cobrir as lacunas na informação acerca da AOp, opositor e unidades amigas. Por isto arriscamos afirmar que o reconhecimento representa o sucesso da aplicação da guerra de manobra.¹¹ Trata-se então de facilitar um sistema operativo, o C2, que garanta que a força (os restantes sistemas operativos) actue de uma forma sinérgica.

Em ambientes de não combate,¹² onde não é fácil identificar o opositor através de operações de reconhecimento nem é quantificável a aplicação mais rápida do ciclo de decisão (operações de manutenção de paz e ajuda humanitária) as unidades de reconhecimento representam também um instrumento extremamente útil ao C2. Quando as comunicações são afectadas ou quando o comandante não dispõe da localização e situação das unidades subordinadas, as unidades de reconhecimento, pela sua mobilidade e treino, são especialmente dotadas para restabelecer o C2. O reconhecimento detecta e estabelece o contacto físico e comunicações com as unidades subordinadas, cobre os espaços mortos entre elas que podem

ser explorados por possíveis opositores, facilitando ao escalão superior actuar como um todo coerente.

Para aceitar a confusão e a incerteza, características do actual CB, é necessário estar preparado para lidar com elas, de modo a poder actuar descentralizado e aceitando e gerando confusão ao opositor. A confusão gerada pela rapidez de actuação, necessidade de obter informação e execução do ciclo de decisão, deve ter como suporte um sistema de C2¹³ adequado. E não é o equipamento de alta tecnologia que torna, por si só, o C2 eficaz. É a existência de pessoal altamente qualificado, com filosofia de planeamento que reconhece o que deve ser feito, tomando a acção mais apropriada face à situação.

Deste modo, dos três métodos de emprego das forças de reconhecimento que apresentámos, consideramos ser o "Reconnaissance Pull" o mais adequado para o século XXI, porque operacionaliza a função principal das unidades de reconhecimento, fazendo com que o comandante execute o ciclo de decisão mais rápido que o opositor e, acima de tudo, permite ao comandante das forças de reconhecimento ameaçar a posição opositora, obrigando a revelar-se para facilitar o empenhamento imediato do ataque principal. Ou seja, parece-nos o método capaz de lidar com a fluidez e caos do CB.

A expressão máxima do C2 é a aplicação eficaz do PDM, o qual permite ao comandante a escolha das melhores opções de acordo

com a situação. Se o relacionarmos com a execução do ciclo de decisão, podemos encurtar o tempo necessário para planear, coordenar, comunicar e tomar a decisão mais apropriada.

Por definição, o planeamento é orientado para o futuro, representando um esforço de projecção das nossas ideias para a resolução do problema. Porque o futuro é sempre incerto, o planeamento não deve procurar acções muito específicas e precisas, tornando-se num mecanismo de dirigir acontecimentos (combater conforme o plano), mas sim identificar opções e possibilidades de acordo com a situação do momento (combater o opositor). Por isso o PDM não deve ser um processo fechado em si mesmo, mas que contribua para a flexibilidade na conduta das operações.

E será que o PDM que actualmente utilizamos é adequado ao emprego eficaz de unidades de reconhecimento no seu papel facilitador de C2 ("Reconnaissance Pull")?

5. O PDM EM VIGOR E AS SUAS LIMITAÇÕES

A finalidade do PDM em uso no Exército Português¹⁴ (Figura 2) é produzir a Ordem de Operações (OOp). Esta ordem deve ser flexível, exequível sem grandes dificuldades, integrada e sincronizada. O PDM garante ao Comandante e ao EM um processo analítico e estruturado para alcançar decisões lógicas. É um processo detalhado, sequencial e moroso, que examina com grande pormenor as nossas m/a e as do opositor.

As vantagens em utilizar este PDM são as seguintes:

A Segurança Militar no Futuro

"A segurança é como o oxigénio, é fácil tomá-lo por certo até começarmos a perdê-lo e depois não conseguimos pensar noutra coisa."

Joseph Nye¹

1. CONTEXTUALIZAÇÃO TEMPORAL

Joseph Nye no seu livro "Comprender os Conflitos Internacionais" descreveu com estas palavras a forma como as sociedades em todo o mundo e ao longo da história encararam e continuam a encarar a importância da Segurança Militar. É fácil para a sociedade civil esquecer a importância dos militares quando as consequências da guerra não se fazem sentir directamente.

Tal como alguém que paga o seguro da sua casa contra incêndios, também os cidadãos de um país ao pagar os seus impostos contribuem para garantir a existência de forças armadas nacionais capazes de assegurar a sua defesa contra ameaças externas. Embora as Forças Armadas desempenhem importantes missões durante os períodos em que o território nacional não se encontra directamente ameaçado, é fácil para os cidadãos nacionais negligenciarem a importância da sua Defesa.

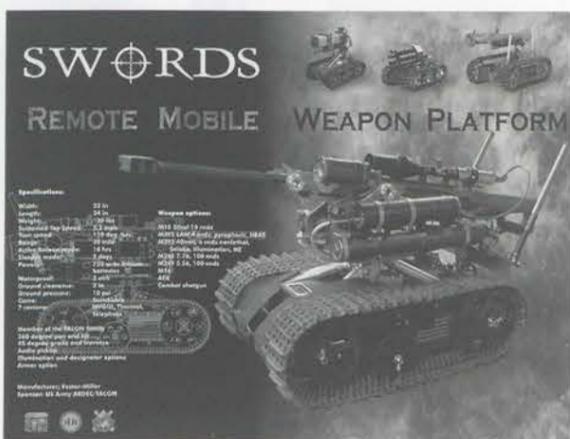
Após o período da Guerra-fria, as sociedades ocidentais mergulharam num ambiente de paz aparente, quase encarnando a obra

filosófica "A Paz Perpétua" de Immanuel Kant.² Mas a paz nunca se pode perspectivar como uma conquista eterna. É importante notar que a obra Kantiana atrás citada não era mais do que um projecto, um desejo, um tratado político e legal que pretendia traçar linhas orientadoras para a paz mundial, não assumindo um carácter conclusivo mas propondo uma via evolutiva para o fim das guerras. É irónico notar que o título "A Paz Perpétua", foi escolhido quando Kant ao espreitar da janela da sua casa reparou numa tabuleta à entrada de um cemitério com a mesma inscrição, como que dizendo que a paz mundial apenas seria possível com a morte da humanidade.³

Apesar do constante clima de insegurança que sempre esteve presente na história das civilizações, existe uma tendência para que cada vez mais as populações dos países democráticos exijam a limitação dos gastos dos orçamentos de estado com os planos da Defesa, quer nacionais quer integrados em alian-

ças internacionais. Quando a maioria dos cidadãos de estados democráticos se sentem livres da guerra, confiam na segurança aparente da integração internacional e as preocupações voltam-se para a prosperidade económica, as questões sociais ou as alterações ecológicas⁴, ocorrendo uma alienação das preocupações que dizem respeito à Defesa nacional.

Sendo que a Democracia traduz a vontade da maioria, encontramos nos governos ocidentais democráticos um esforço para reduzir o pagamento da apólice do seguro que é o orçamento de Estado para a Defesa. Para além disso, a nova geração da população ocidental não conheceu na pele a realidade da guerra no seu território⁵, pelo que da guerra pouco mais conhecem que as notícias nas ca-



SWORD1.

deias televisivas e nos jornais sobre a guerra nos outros países, quase de forma cinematográfica. Como tal não estão dispostas a integrar as fileiras e partir para o combate para defender o seu território ou valores como a pátria. É com base neste raciocínio que é possível traçar a tendência de evolução da Forças Armadas para um futuro próximo.

2. AS NOVAS AMEAÇAS

A queda do muro de Berlim em 1989, marcou a transição de uma era de conflitos ideológicos para novas formas de conflito. Se na realidade a ideologia comunista ainda existe em alguns países, ela está a sofrer uma evolução para a economia de mercado, seja porque existe uma vontade dos poderes políticos nesse sentido, ou apenas por força das necessidades.⁶

O fim das guerras ideológicas não é sinónimo da paz mundial. A ameaça da Guerra-fria deu lugar ao desenvolvimento de conflitos regionais e locais de baixa intensidade, alguns revestidos de características puramente domésticas. O Terrorismo Transnacional é uma nova forma de ameaça, mas que por enquanto apenas intimida os cidadãos dos países onde já foram perpetrados atentados, pelo que nas restantes nações, as populações se mantêm calmas e serenas, julgando ser apenas um problema dos outros.⁷

A principal razão para a eclosão destes conflitos é o desaparecimento do controlo ideológico dos dois grandes blocos que permitiu a ascensão da ambição das potências regionais. Nos nossos dias encontramos como motivações dos

conflitos regionais questões étnicas e religiosas, tal como o pensador Samuel Huntington previra na sua obra "The clash of civilizations and the remarking of world order".⁸ No entanto cresce uma velha motivação entre os conflitos da actualidade: a disputa pelos recursos naturais.

Entramos assim numa nova ordem internacional com uma diferente matriz de interpretação das problemáticas estratégicas, quer ao nível político quer ao nível militar para o novo século. O Professor Michael Klare⁹ no seu livro "Resource Wars"¹⁰ apresenta a sua previsão para um Sistema Internacional que irá disputar meios de sustentabilidade e sobrevivência. Na sua obra, Klare define uma nova geografia de conflitos onde os objectivos das disputas serão os recursos petrolíferos da Ásia Central, do Mar Cáspio e do Golfo Pérsico; os conflitos pelos recursos hídricos no delta do rio Nilo e Jordão, nos rios Tigre e Eufrates; as riquezas do mar do Sul da China; ou as minas de urânio e a exploração de diamantes na África sub-sahariana.

Neste momento, assistimos à materialização desta previsão com a movimentação das Forças Armadas norte-americanas. As forças que no passado asseguravam a protecção do Ocidente face a um possível avanço das forças do Bloco de Leste, encontram-se actualmente no Afeganistão e no Iraque. Por certo não será possível caracterizar todos os conflitos futuros como disputas pelos recursos naturais¹¹,

e como tal não é possível interpretar a ordem internacional apenas por esta matriz. No entanto, a preocupação de garantir a posse desses recursos não será afastada dos Conceitos de Segurança Energética e de Recursos Naturais.

Perante estas novas preocupações no espectro da segurança internacional surge uma interrogação: Como irão as Democracias Ocidentais combater as suas guerras quando os cidadãos não estão dispostos a prescindir do seu dinheiro ou das suas vidas para satisfazer os seus interesses estratégicos nacionais?

3. COMO COMBATER, POUPANDO O DINHEIRO E A VIDA DOS COMPATRIOTAS?

Esta é uma pergunta feita com ironia porque não existe uma resposta absolutamente satisfatória. No entanto podemos observar o que alguns países, num estado de evolução militar mais avançada,¹² se encontram a fazer para procurar solucionar esta questão.

3.1. As Empresas Militares Privadas

Uma das formas será o recurso a organizações não estatais, que sejam legítimas e que podem colaborar na segurança e na defesa nacional. São as empresas militares privadas. Se no passado as empresas militares privadas eram sinónimo de mercenários, nos nossos dias isso já não é exactamente assim. Mantendo sempre presente a ideia de que é o Estado que deve dispor do monopólio da força legítima, é possível delegar em empresas privadas missões que antigamente apenas eram executadas

O combate aeroterrestre continua a revelar-se adequado, uma vez que os princípios deste tipo de manobra permanecem válidos neste novo ambiente operacional: *flexibilidade*, que resulta da capacidade de satisfazer os requisitos de qualquer missão e de responder a quaisquer alterações da situação; *iniciativa*, decorrente da aptidão anterior, permite, com base em informação oportuna, decidir primeiro que o seu oponente; *profundidade*, pela possibilidade de evitar ataques frontais e actuar contra os flancos e retaguarda, sempre sobre os pontos fracos do dispositivo inimigo e *coordenação* para maximizar os efeitos de sincronização dos diversos sistemas de armas.

Em resumo, o que preconiza o combate aeroterrestre é o domínio da manobra, que para ser alcançado exige um bom emprego de duas peças fundamentais: o Carro de Combate e o Helicóptero.

3. UNIDADE DE DOCTRINA E CONHECIMENTO MÚTUO

Para que esta "parelha", "Carro de Combate e Helicóptero", obtenha o máximo rendimento é imprescindível unidade de doutrina e procedimentos operacionais comuns que facilitem o conhecimento mútuo e a criação de automatismos de conduta operacional.

Nos exércitos com grandes recursos, isto consegue-se fazendo a sua integração orgânica, mas na maioria dos países a economia de meios impõe a opção pela prestação de apoio mútuo entre unidades distintas.

É, pois, neste contexto de prestação de apoio mútuo com as demais unidades do nosso Exército que o GALE, à semelhança do que se passa em França, com a ALAT, ou em Espanha, com as FAMET (Aviações do Exército destes dois países), para citar apenas dois exemplos, irá desenvolver a esmagadora maioria das suas missões.

Os pilotos e demais especialistas têm a mesma formação e alguns são até da mesma Arma dos que servem na unidade que apoiam, pelo que, não só conhecem os "meios", como conhecem o seu "emprego" e o "carácter" de quem os opera. Importa apenas uniformizar procedimentos e treinar conjuntamente tantas vezes quanto necessário a uma integração perfeita.

O carácter "terrestre" das unidades de helicópteros confere-lhe especial aptidão para operar a partir de qualquer "helisuperfície" e para acompanhar o ritmo de progressão da unidade apoiada, pela activação, quando necessário, de Bases Auxiliares, Avançadas ou simples Locais de Municamento e Reabastecimento Avançado (FARP-Forward Arming and Refueling Point), na sua zona de acção.

4. MISSÕES DOS HELICÓPTEROS

Sendo o tema deste número da Revista da Cavalaria o Reconhecimento e o Carro de Combate no século XXI, gostaríamos de abordar o desempenho desta "dupla" no âmbito desta missão específica, já que sabemos ser de capital importância para uma eficaz acção de comando a disponibilidade de informação oportuna sobre o inimigo e a área de operações. Esta

acção deliberada de obtenção de informação é atribuída a uma pequena força especializada (terrestre, de helicópteros ou mista) que executa missões de Reconhecimento - Itinerário, Zona ou Área - em proveito de uma força maior.

A força de helicópteros, por poder actuar independentemente do terreno, com grande rapidez e fazendo uso de sistemas ópticos de longo alcance, são especialmente vocacionadas para cumprir este tipo de missões. Quando empregues conjuntamente com forças de reconhecimento terrestre (Cavalaria), então as vantagens são substancialmente ampliadas, uma vez que a sua acção é complementada com uma pesquisa mais pormenorizada (zonas densamente arborizadas ou urbanizadas) e uma presença sustentada.

Em função dos factores de decisão MITM-T, um comandante de uma Unidade de Cavalaria (Reconhecimento Terrestre) que disponha de helicópteros de reconhecimento, poderá atribuir-lhes múltiplas missões: reconhecimento de um eixo de progressão (itinerário), de zonas impeditivas ou restritivas (íngremes, pantanosas), obstáculos (campos de minas); localização e designação de objectivos; observação e correcção de fogos; vigilância sobre a progressão inimiga; segurança; ligação e rádio-relé; posto de comando e acções contracarro (helicópteros com configuração adequada).

A capacidade para cumprir um leque tão alargado de tarefas depende de múltiplos aspectos técnicos, tácticos e logísticos. Todavia, há um, talvez o mais impor-



Helicóptero AH 64-3.

tante, porque determinante, que é o modelo e tipo de helicóptero e respectiva configuração.

5. MODELO E TIPO DE HELICÓPTERO DE RECONHECIMENTO, CONFIGURAÇÃO

Os primeiros helicópteros de reconhecimento eram ligeiros, desprovidos de armamento, com meios de observação muito simples e eram empregues exclusivamente durante o dia. Actualmente, tanto se utilizam helicópteros ligeiros como médios, equipados com sofisticados meios de visão diurna e nocturna, equipamentos de comunicações seguros e armamento de auto-defesa e de apoio.

Esta evolução, que decorreu da aplicação dos princípios do combate aeroterrestre, permitiu que passássemos do Kiowa ao Kiowa - Warrior; do Hughes (agora Boeing) MD 500 ao MD 530 Defender (americanos); do BO - 105 e Alouette ao Fennec, Ecuriel (europeus) e assistíssemos a novidades como o EC 635 e Augusta 109, incluindo as adaptações dos Lynx e dos Panther ou, para não perder o mercado, do Sokol (polaco) e do Kaman (russo). Todos eles, com

configuração similar que lhes permite obter informação à distância e, com a máxima protecção possível, transmiti-la de forma instantânea e segura e poder repelir um ataque inopinado, porque possuem radares de 360º, FLIR, câ-

maras térmicas, designadores laser, IFF, ligações ON-LINE... metralhadoras pesadas de alta cadência, canhões, lança-foguetes, mísseis anticarro e ar-ar... tripulações dotadas de meios de ajuda ao voo, como óculos de visão nocturna, navegadores GPS e inerciais integrados com cartografia digitalizada...

Estas configurações proporcionam aos helicópteros de reconhecimento capacidades que permitem executar as suas missões específicas com segurança e sem perda de manobrabilidade, porque continuam a poder mover-se na terceira dimensão com rapidez, adaptando-se ao terreno e aproveitando-o para observações dinâmicas ou estáticas.

Os helicópteros de ataque, porque possuem maiores plataformas, motores mais potentes e sistemas de armas mais sofisticados que permitem satisfazer padrões de combate mais exigentes, asseguram, naturalmente, as capacidades e potencialidades dos de reconhecimento, podendo cumprir com sucesso quaisquer missões tácticas deste âmbito. Continuaremos assim a poder ver o helicóptero de ataque Apache e, futuramente, o Tigre a cumprirem missões de reconhecimento, deixando, para isso, parte das suas possibilidades de configuração de armamento em

terra e equipando apenas com o que o estudo da missão recomende.

ESTUDO DA MISSÃO

O estudo conjunto e detalhado da missão de reconhecimento, pelos comandos das Unidades de Cavalaria e de Helicópteros, é imprescindível ao seu cabal cumprimento.

Quando uma Unidade de Cavalaria recebe helicópteros deve dedicar especial atenção aos dados que influenciaram a disponibilidade dos meios e a informação que será requerida pelo seu comandante.

Considerando uma patrulha de helicópteros de reconhecimento (mínimo de três helicópteros), deverá ser tido em conta a disponibilidade de horas totais de voo para a missão, o ritmo de emprego (horas de voo por dia), se for o caso, e as capacidades/qualificações das tripulações (voo visual, instrumental e nocturno) e meios (configurações). Os requisitos de ordem logística são especialmente importantes, designadamente a satisfação das necessidades de combustíveis e munições específicas e as eventuais localizações de Bases Avançadas e FARP's.

Merece, naturalmente, especial atenção a situação do inimigo: natureza, situação aérea, dispositivo (últimos movimentos), NBQ, EW, meios anti-aéreos e, também, o conhecimento da situação das nossas forças: Artilharia, planos de fogos, situação aérea e coordenação do espaço aéreo.

Deverão ainda ser tidas em conta as condições ambientais, designadamente o tipo de terreno

A Cavalaria Portuguesa nas Forças de Reacção Rápida da NATO

“A NRF é uma das mais importantes mudanças na Aliança desde a assinatura do tratado de Washington há mais de 50 anos.”

Gen James L Jones
SACEUR

1. INTRODUÇÃO

As alterações verificadas na cena internacional decorrentes da queda do Muro de Berlim em Novembro de 1989, marcaram o início de um conjunto de acontecimentos que viriam a alterar profundamente a conjuntura político-estratégica. Numa rápida sucessão, a Alemanha reunifica-se em 1990, no ano seguinte a União Soviética e o Pacto de Varsóvia desmoronam-se, encerrando assim um capítulo da História da Humanidade, o período da Guerra Fria. As transformações que se verificaram desde então, geraram por um lado oportunidades para um maior desenvolvimento no relacionamento entre os Estados e por outro, proporcionaram às organizações internacionais um crescente protagonismo. Todavia, a emergência de nacionalismos exacerbados, a par dos fenómenos gerados pela globalização, desequilibraram o sistema internacional, caracterizando-o por uma crescente imprevisibilidade e instabilidade de novos riscos e ameaças, confor-

me o provam os acontecimentos de 11 Setembro de 2001, marco que seguramente alterou o ambiente estratégico e quiçá terá alterado a ordem mundial.

A OTAN, aproveitando as novas oportunidades no campo da cooperação e do diálogo lança em 1990, na Cimeira de Londres, um programa de actividades como a abertura ao diálogo e cooperação com os antigos inimigos, o processo de “alargamento” e a aprovação do conceito das Forças Tarefa Conjuntas e Combinadas (CJTF)¹, empreendendo deste modo um processo de adaptação para fazer face aos novos desafios e garantir a sua vitalidade na viragem do milénio.

Com a aprovação do novo Conceito Estratégico na Cimeira de Washington de 1999, inicia a sua transformação adoptando desde logo uma postura mais activa, que se estende para além do âmbito da defesa colectiva e com possibilidade de conduzir operações “out of area” no âmbito das operações de resposta a crises. Ainda no seguimento do novo Concei-

to Estratégico e no sentido de fazer face à crescente afirmação de nacionalismos fundamentalistas, da proliferação de armas de destruição maciça, do terrorismo e do narcotráfico, entre outros, surgiu a necessidade de reforçar as capacidades militares da Aliança, mantendo e melhorando a sua eficácia. Para alcançar tal desiderato, foi lançada em 1999 a “Iniciativa de Capacidades de Defesa” (DCI)², cuja sucessora surgiu em 2002 na Cimeira de Praga com a nova designação de “Compromissos de Capacidades de Praga” (PCC)³. Contudo, os Estados membros da Aliança nesta Cimeira foram mais ambiciosos e decidiram, também em Praga, criar uma Força de Reacção - NATO Response Force (NRF) - considerada como o catalisador necessário para a transformação de capacidades que se impunha, face à nova realidade em termos de segurança e que reforça as capacidades da Aliança, para cumprir missões em todo o espectro de operações e que, de acordo com as autoridades OTAN, constituirá a pedra angular da transformação das forças da Aliança, designadamente no tocante ao desenvolvimento de novas tecnologias e

sistemas de armas e das suas implicações no plano conceptual e doutrinário.

2. NATO RESPONSE FORCE; Estrutura, Geração e Rotação

A “NATO Response Force” é uma Força conjunta e combinada, tecnologicamente avançada, flexível, projectável e com uma capacidade de sustentação, capaz de actuar onde for necessário, dentro de uma CJTF, em grande parte do espectro das operações militares, compreendendo elementos das componentes naval, terrestre e aérea. A NRF disporá de um único Comando que será atribuído rotativamente a cada um dos actuais comandos operacionais, podendo o mesmo conduzir as operações a partir do seu QG permanente ou através de um “Deployable Joint Task Force Headquarters” (DJTF HQ). O ciclo de rotação quer do Comando da NRF, quer das componentes Naval e Aérea será anual, enquanto que a com-

ponente terrestre terá uma rotatividade semestral.

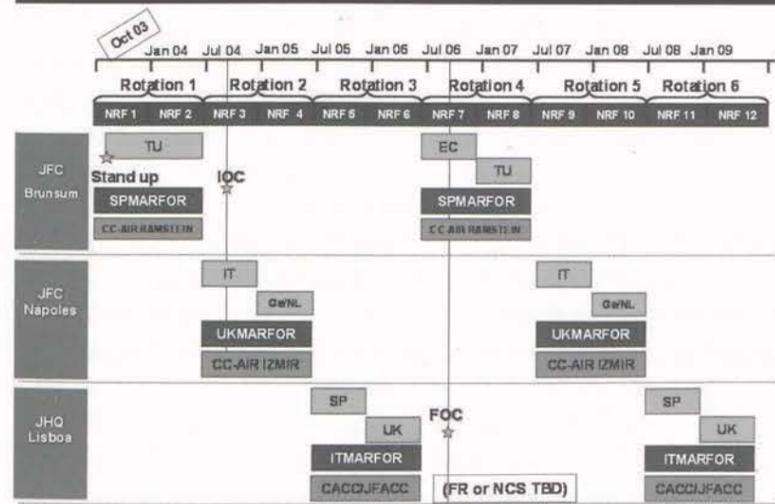
Apesar do levantamento da NRF ser um processo gradual, o Comandante Supremo do Comando Aliado da Europa (SACEUR), responsável pela criação desta Força atribuiu máxima prioridade ao seu desenvolvimento, tendo estabelecido como principais marcos temporais, meados de Outubro de 2004 e Outubro de 2006, datas em que deverão estar alcançadas a Capacidade Operacional Inicial (Initial Operational Capability - IOC) e a Capacidade Operacional Completa (Full Operational Capability - FOC), respectivamente. No final do processo, estima-se que o efectivo global da NRF rondará os 25.000 efectivos, envolvendo meios das componentes Naval, Terrestre e Aérea, podendo ainda incluir Forças Especiais. A componente naval será assegurada por uma “Combined Naval Task Force”, a componente terrestre por uma Brigada e a componente aérea terá capacidade para efectuar 200 saídas diárias.

O processo de geração de forças da NRF deverá ter lugar cerca de 12 meses antes do início do treino Conjunto, sendo responsabilidade do “Allied Command Operations” (ACO) - Ex Allied Command Europe - e basear-se-á no sistema de planeamento operacional vigente no seio da Aliança e nos CJSOR⁴. Além disso, todas as Forças integrantes da NRF deverão obter uma certificação nacional e OTAN.

A certificação obedece ao conceito definido na CJSOR, em critérios permanentes e em critérios evolutivos. Os critérios permanentes são aqueles que se encontram previstos nos “Force Standard” e que não necessitam de revisão periódica, enquanto que os critérios evolutivos serão revistos periodicamente de modo a garantir uma permanente actualização e abrangência, não só as capacidades, mas também o treino. A certificação da Força será feita em duas fases: numa primeira fase, de responsabilidade nacional, a certificação será de âmbito geral e numa segunda fase a certificação incidirá sobre o treino operacional e a preparação para o combate. A responsabilidade desta fase será partilhada pelas autoridades nacionais e da Aliança.

Quanto às missões que poderão ser atribuídas é de salientar que a NRF poderá actuar integrada em operações de elevado escalão, como Força de entrada inicial ou como Força isolada (Stand Alone Force), podendo nesta qualidade cumprir missões no âmbito: da Evacuação de Não-combatentes (NEO); do Apoio e Gestão de Situações de Crise Humanitária; das Operações de Resposta a Crises; das Operações de Apoio ao Contra-terrorismo e das Operações de Embargo.

Geração e Rotação > Rotação > Calendarização



Ciclo de Rotação da “NRF”.

Livro

"Armoured Fighting Vehicles"

Foi lançado por Philip Trehitt, em 1999, este pequeno "dicionário/ferramenta" que muito sucintamente aborda uma grande variedade de viaturas blindadas, designadamente: carros de combate, viaturas de rodas, viaturas anfíbias, entre outras. Cada viatura é acompanhada por uma imagem, uma tabela de especificações e um pequeno texto histórico-tecnológico.

Atendendo às limitações de espaço da revista e para que seja possível avaliar não só as potencialidades e possibilidades, mas também as diferenças existentes em alguns produtores de viaturas blindadas, optou-se por referir apenas cinco carros de combate. São eles:

- M60A3
- M1 Abrams
- Leopard 2
- Challenger 2
- T-80

■ M60A3

O desenvolvimento das séries americanas "M60" começou em 1956, após a decisão de se criar uma versão melhorada do "M48". Construído pela General Dynamics, o M60 entrou ao serviço em 1960, mas foi rapidamente melhorado pelas versões A1 e A3. O A3 era notável pelo seu sistema de controlo de tiro com telémetro laser e câmaras térmicas, entre outras modificações.

As duas grandes variantes eram uma versão lança pontes e uma Viatura de Combate de Engenharia, equipada com uma carga demolidora e uma lâmina *dozer*. O M60A3 foi exportado em larga escala para a Áustria, Itália (onde foi construído sob licença), Norte de África e muitos outros países do Médio Oriente. Ainda se encontra na "linha da frente" em alguns países de África, do Médio Oriente, particularmente no Egipto e em Israel e da Europa. Nos EUA ainda se encontra em uso na Guarda Nacional.

Especificações:

País de origem: EUA

Guarnição: 4

Peso: 48.872Kg

Dimensões: Comprimento 9,436m; largura 3,631m; altura 3,27m

Autonomia: 500Km

Blindagem: 25-127mm

Armamento: Uma peça de 105mm; uma metralhadora anti-aérea 12,7mm; uma metralhadora coaxial 7,62mm

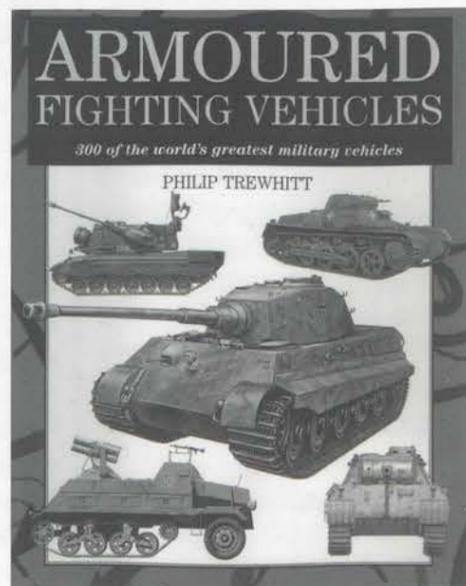
Motor: Continental, 12 cilindros, a gasóleo, desenvolvendo 750 cavalos

Performance: Máxima velocidade em estrada 48,28Km/h; passagem a vau 1,219m; obstáculos verticais 0,914m; vala 2,59m

■ M1 ABRAMS

O M1 Abrams surgiu a seguir ao desenvolvimento da

família do M60. A Chrysler completou os protótipos em 1978 e os primeiros carros surgiram em 1980, com 30 carros de combate a serem produzidos por ano e anos seguintes. O seu avanço em blindagem Chobham fez do M1 o mais bem protegido carro de combate americano até hoje. O motor de turbina a gás é mais pequeno e mais fácil de manter do que um motor a diesel, mas a necessidade de combustível extra anula o espaço economizado, razão pela qual a ideia foi rejeitada para o Leopard 2. Câmaras térmicas, telémetro laser e estabilização da peça são alguns dos equipamentos que conferem ao M1 um excelente poder de fogo em movimento, seja de noite ou de dia. Na Guerra do Golfo em 1991, o Abrams provou ser o melhor carro de combate do mun-



do, destruindo os iraquianos T-72 - não foram destruídos Abrams por fogo inimigo.

Actualmente, os carros de combate M1 Abrams americanos estão a ser tecnologicamente adaptados ao conceito de "força digitalizada".

Especificações:

País de origem: EUA

Guarnição: 4

Peso: 54,269Kg

Dimensões: Comprimento 9,766m; largura 3,655m; altura 2,895m

Autonomia: 450Km

Blindagem: Classificado

Armamento: Uma peça de 105mm; uma metralhadora anti-aérea 12,7mm; uma metralhadora coaxial 7,62mm e outra também 7,62mm no lugar do muniçador

Motor: Avco Lycoming AGT-1500 com turbina a gás, desenvolvendo 1500 cavalos

Performance: Máxima velocidade em estrada 72,5Km/h; passagem a vau 1,219m; obstáculos verticais 1,244m; vala 2,59m

■ LEOPARD 2

O Leopard 2 foi uma alternativa a um projecto conjunto de carro combate - o MBT-70 - e cancelado entre os EUA e a Alemanha Ocidental no fim da década de 60 do século passado. Contudo, os alemães ocidentais continuaram o projecto e a produção dos primeiros carros foi entregue em 1977, seguindo-se as exportações para o Exército Holandês. O Leopard 2 está equipado com telémetro laser, câmara térmica, um sistema de defesa NBQ e capacidades anfíbias. O seu sistema de tiro é pouco usual pelo facto dos invólucros serem combustíveis. Quando a munição é disparada, a única sobra é a sua base, o que liberta espaço extra. Tem um motor de potência 30% superior ao Leopard 1, o que resulta numa mobilidade melhorada e maior capacidade de sobrevivência.

Especificações:

País de origem: Alemanha Ocidental

Guarnição: 4

Peso: 54,981Kg

Dimensões: Comprimento 9,668m; largura 3,7m; altura 2,79m

Autonomia: 550Km

Blindagem: Classificado

Armamento: Uma peça de 120mm; uma metralhadora 7,62mm anti-aérea; uma metralhadora coaxial 7,62mm e 8 lança-potes de fumo

Motor: MTU 12 cilindros, multi-combustível, desenvolvendo 1500 cavalos

Performance: Máxima velocidade em estrada 72Km/h; passagem a vau 1m; obstáculos verticais 1,1m; vala 3m

■ CHALLENGER 2

O Challenger 2 é de momento o carro de combate por excelência do Reino Unido. O casco é semelhante ao do Challenger 1, bem como o motor, mas a torre foi redesenhada para comportar armamento mais recente e o próprio carro está a vários níveis mais completo. As primeiras versões produzidas apareceram em meados de 1994, ostentando um telémetro laser a dióxido de carbono, câmaras térmicas e total computadorização dos sistemas de controlo de tiro, conferindo uma probabilidade de impacto ao primeiro disparo muito grande. O controlo da torre é totalmente eléctrico e a peça é totalmente estabilizada. Actualmente está equipado com o Sistema de Controlo de Informação do Campo de Batalha no futuro, para ser dotado ainda de maior capacidade de combate. Também é possível a adopção de uma lâmina *dozer* na frente do casco.

Especificações:

País de origem: Reino Unido

Guarnição: 4

Peso: 62,500Kg

Dimensões: Comprimento 11,55m; largura 3,52m; altura 2,49m

Autonomia: 400Km

Blindagem: Classificado

Armamento: Uma peça de 120mm; duas metralhadoras 7,62mm; 2 lança-rockets de fumo

Motor: Um motor a gasóleo arrefecido por líquido, desenvolvendo 1200 cavalos

Performance: Máxima velocidade em estrada 57Km/h; passagem a vau 1m; obstáculos verticais 0,9m; vala 2,8m

■ T-80

O T-80 entrou ao serviço do Exército Vermelho Soviético em meados da década de 80 do século passado, como desenvolvimento do T-72. À semelhança deste, também tem um muniçamento automático da peça, o que permite ter uma guarnição de apenas 3 homens. A peça é totalmente estabilizada, tal como no T-72, mas com uma cadência de tiro superior, incluindo munições de urânio empobrecido para maiores capacidades de penetração nas blindagens. É também dotado de um telémetro laser e, tal como todos os carros de combate soviéticos, é capaz de formar cortinas de fumo com o seu motor e lançar "ilusores de mísseis" através dos seus lança-potes de fumos. A sua mobilidade é também acrescida por um ajustável sistema de adaptação ao terreno.

Especificações:

País de origem: URSS

Guarnição: 3

Peso: 48,363Kg

Dimensões: Comprimento 9,9m; largura 3,4m; altura 2,2m

Autonomia: 450Km

Blindagem: Classificado

Armamento: Uma peça de 125mm; uma metralhadora anti-aérea 12,7mm; uma metralhadora coaxial 7,62mm

Motor: Um motor com turbina a gás multi-combustível, desenvolvendo 1000 cavalos

Performance: Máxima velocidade em estrada 70Km/h; passagem a vau 5m; obstáculos verticais 1m; vala 2,85m

Revista "A Cavalaria Francesa"

A revista francesa *RAIDS* elaborou nos números de Janeiro e Fevereiro de 2005 um dossier dedicado à Arma de Cavalaria Francesa (*ABC - Arme Blindée Cavalerie*). O dossier divide-se da seguinte maneira:

- No número de Janeiro apresenta um primeiro artigo da autoria de Jean-Louis Promé, com o título "L'ABC toujours au coeur de l'action" (pp. 40-49, 54-56) que caracteriza a actual cavalaria francesa, e um segundo artigo que consiste numa entrevista ao General Pierre Garrigou Grandchamp, comandante da Escola de Aplicação da Arma Blindada de Cavalaria do exército francês (pp. 50-53).

- No número de Fevereiro há um artigo também da autoria de Jean-Louis Promé intitulado "Le Leclerc au centre du combat en zone urbaine" (pp. 46-50).

Como este número da nossa revista tem por tema central "Os Carros de Combate e o Reconhecimento no Século XXI", entendemos por bem difundir alguma informação sobre as ideias força que podem ser extraídas daqueles três artigos.

"L'ABC TOUJOURS AU COEUR DE L'ACTION" (A arma de cavalaria sempre no coração da acção)

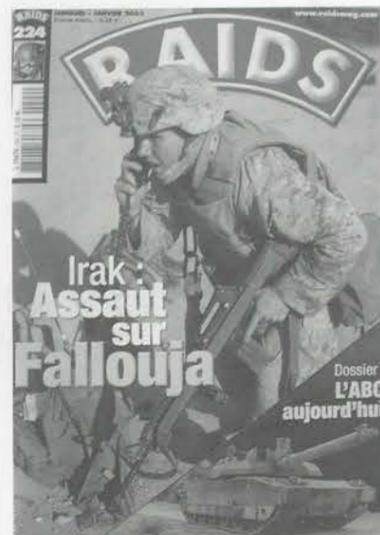
A *ABC* comporta hoje três tipos de viaturas de combate: o car-

ro de combate pesado, a viatura de combate média e as viaturas blindadas de reconhecimento. Integra as unidades de cavalaria não só do exército, mas também das tropas de marinha¹ e da Legião Estrangeira, num total de 12 485 militares (964 oficiais, 4176 sargentos e 7345 praças voluntárias e 892 civis) ou seja, cerca de 10% dos efectivos do exército francês. Tem cerca de 280 CC Leclerc, 80 CC AMX-30B2, 256 AMX-10RC, 165 ERC-90 Sagaie, 344 VAB e 1063 VBL M11.

A polivalência do pessoal é uma característica de quem serve na *ABC*. Assim, com o objectivo de garantir a capacidade de constituir unidades projectáveis para o exterior, os militares podem integrar um de três tipos de unidades: um esquadrão blindado em Sagaie, um esquadrão blindado ligeiro em VBL M11 ou um esquadrão de reconhecimento e de intervenção de



MAJ Cav MIGUEL FREIRE
DP/EME.

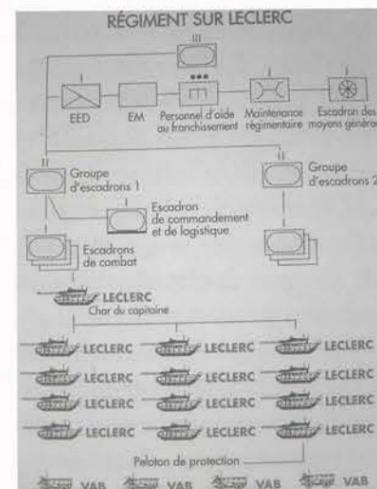


apoio directo. Também as guarnições dos CC (tipo Leclerc ou AMX-10RC) são obrigadas a rodar por todas as viaturas que equipam a unidade: VAB com canhão de 20 mm e VBL M11. Esta polivalência tem custos, não só materiais mas também temporais, já que, no caso do CC Leclerc - o sistema de armas mais sofisticado da *ABC* - é necessária a formação de dois meses para a instrução básica de guarnição mas também cerca de três a quatro meses de treino suplementar para a requalificação dum militar neste CC depois de ter servido cerca de oito a dez meses noutra viatura de combate. Estas acções de formação são necessárias em detrimento do treino de nível esquadrão e também, num futuro próximo, poderão reflectir-se nas avaliações de tiro real das guarnições.

Nos ciclos de 32 meses das unidades da *ABC*, é de esperar cerca de duas missões no exterior e vários estados de prontidão e exercícios no território francês, o que não deixa mais de dezasseis meses para descanso, manutenção, treino em simulador, tiro, uma passagem pelo Centac², um eventual treino



de brigada e o necessário aprontamento para as missões no exterior. De referir que, entre Outubro de 2003 e Setembro de 2004, estiveram em operações no exterior do território francês cerca de quinze esquadrões em locais tão diferentes, como por exemplo: Costa do Marfim, Kosovo, Chade, Senegal, Bósnia, Afeganistão, Djibouti, Nova Caledónia e Líbano.



Fonte: DEBAY, Ives, Véhicules de Combat Français d'Auhourd'hui, Histoire & Collections, 1998, p. 97.

FORÇAS PESADAS - ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES DE CC

Com o objectivo de facilitar o planeamento dos ciclos operacionais e de projecção para o exterior, bem como a interligação entre as unidades de

CC Leclerc, estas vão ser organizados em quatro regimentos de Carros quase idênticos: RC 80.

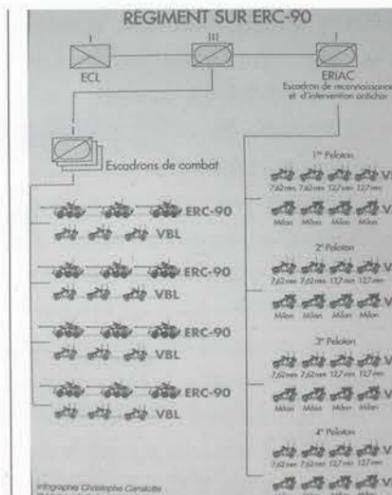
Os meios (num total de 1100-homens, 80 CC Leclerc, 20 VBL e 41 VAB, entre outros) são repartidos entre os elementos regimentais (Esqua-

drão de Manutenção e Esquadrão de Meios Gerais) e dois Grupos de Esquadrão de Carros. Estes últimos, designados por GE 40, contam cada um com três esquadrões de CC (a três pelotões de quatro CC e um pelotão de apoio directo - a três VAB com canhão) e um Esquadrão de Comando e Logística. A ideia é que cada RC 80 seja capaz de projectar os dois GE 40. Contudo, as limitações em pessoal e material condicionam esta capacidade à projecção de um GE 40 e de um Esquadrão de CC do segundo GE 40. A meta para completar os quatro RC 80 é no Outono de 2006.

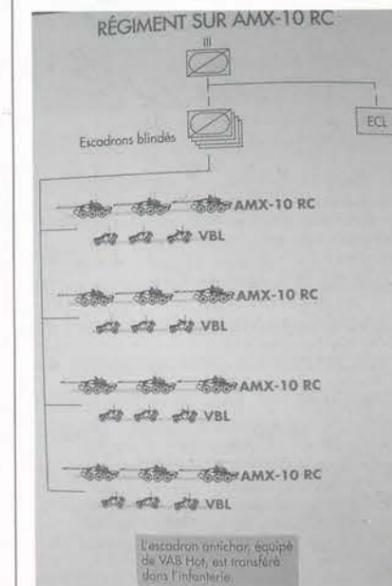
FORÇAS MÉDIAS - ORGANIZAÇÃO DAS VIATURAS DE RODAS COM PEÇA (ENGINES ROUES CANON)

São cerca de sete regimentos a 800 militares cada. Apresentam dois tipos de organização: o RB36 e o RB48.

Três regimentos são do tipo RB36, ou seja, têm três esquadrões a quatro pelotões de três viaturas de rodas com peça e três VBL M11 e um esquadrão de reconhecimento e intervenção anti-carro, designado por ERIAC. O ERIAC dispõe de 125 militares, divididos por um pelotão de comando e logística e quatro pelotões anti-carro (ACar).



Fonte: DEBAY, Ives, Véhicules de Combat Français d'Auhourd'hui, Histoire & Collections, 1998, p. 58.

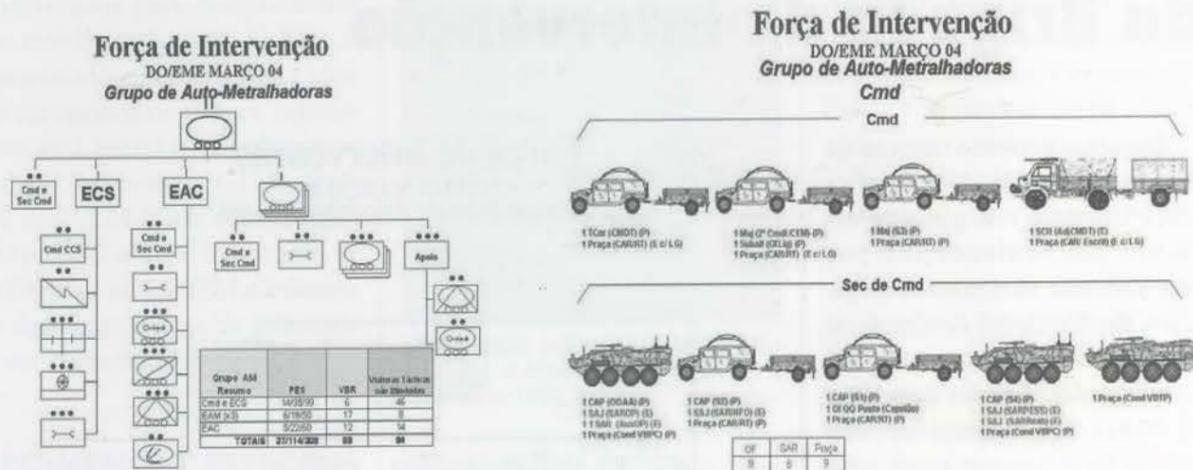


Fonte: DEBAY, Ives, Véhicules de Combat Français d'Auhourd'hui, Histoire & Collections, 1998, p. 58.

Cada pelotão ACar tem um grupo de comando (2 VBL M11), uma patrulha de exploração (2 VBL M11) e duas patrulhas ACar (cada uma com 2 VBL M11 equipada de míssil Milan). Dois destes regimentos são equipados com a viatura Sagaie (para a brigada de montanha e páraquedista) e outro com a viatura AMX-10RC (para a brigada franco-alemã).

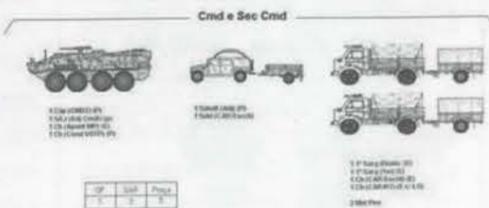
Quatro regimentos são do tipo RB48, todos equipados com AMX-10RC. Cada um tem quatro esqua-

GRUPO DE AUTO-METRALHADORAS

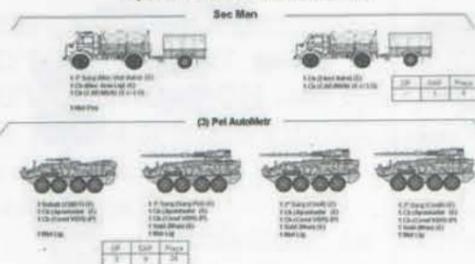


ESQUADRÃO DE AUTO-METRALHADORAS

Força de Intervenção
DO/EME MARÇO 04
Grupo de Auto-Metralhadoras
Esquadrão de Auto-Metralhadoras x (3)



Grupo de Auto-Metralhadoras
Esquadrão de Auto-Metralhadoras x (3)

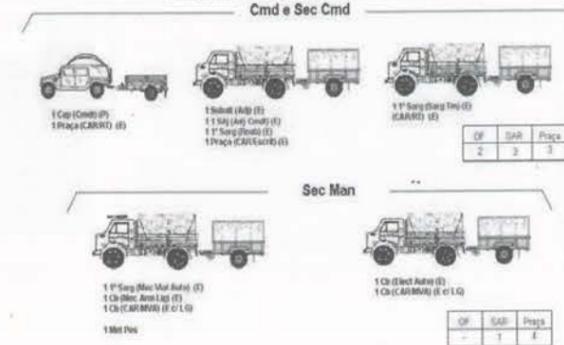


Grupo de Auto-Metralhadoras
Esquadrão de Auto-Metralhadoras x (3)

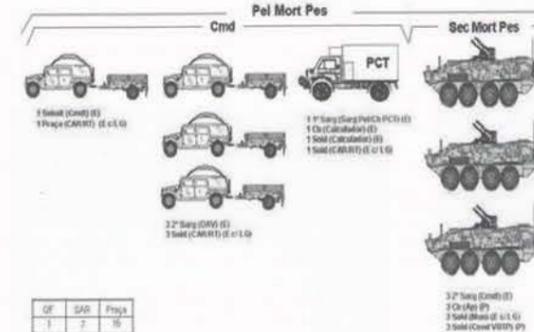


ESQUADRÃO DE APOIO DE COMBATE

Força de Intervenção
DO/EME MARÇO 04
Grupo de Auto-Metralhadoras
Esquadrão de Apoio de Combate



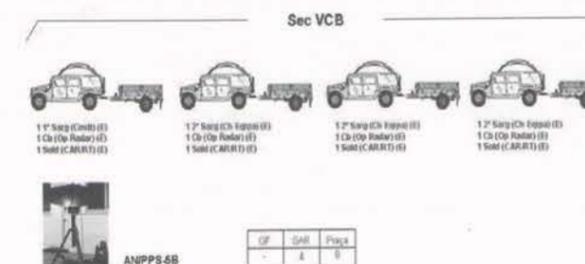
Força de Intervenção
DO/EME MARÇO 04
Grupo de Auto-Metralhadoras
EAC



Força de Intervenção
DO/EME MARÇO 04
Grupo de Auto-Metralhadoras
EAC



Força de Intervenção
DO/EME MARÇO 04
Grupo de Auto-Metralhadoras
EAC



ANPPS-5B



Escola Prática de Cavalaria

CURSO DE PROMOÇÃO A CAPITÃO DE CAVALARIA - 2005



No passado dia 10 de Janeiro de 2005 teve lugar a tradicional Cerimónia de Apresentação do CPC de Cavalaria - 2005, composto por nove Tenentes de Cavalaria e um Capitão da República de Cabo Verde.

A EPC NO I SALÃO INTERNACIONAL DO CAVALO DE DESPORTO, NO CENTRO NACIONAL DE EXPOSIÇÕES EM SANTARÉM



A Organização do convidou a EPC para tomar parte activa no conjunto de eventos que o constituíram.

O I Salão Internacional do Cavalo de Desporto, que decorreu no Centro Nacional de Exposições e Mercado Agrícola (CNEMA), em Santarém, entre os dias 06 e 10 de Janeiro de 2005, tinha da EPC:

- Um stand dedicado ao cavalo, com diversos tipos de arreios militares e equipamentos do Museu da Cavalaria TCOR Salgueiro Maia, fotografias e um vídeo com imagens de poules hípias e actividades realizadas na EPC;
- E o "Carrossel Equestre de Obstáculos da EPC", composto por oito conjuntos, que executou diversos exercícios em escola, a trote e a galope.

CICLO DE PALESTRAS



Nos dias 23 de Fevereiro e 17 de Março de 2005 decorreu na EPC o ciclo de Palestras sobre temas militares. O COR Eng (Ref) Sousa Lobo apresentou a palestra sobre o tema "Fortalezas a Cavaleiro" e o COR Cav José Calçada, sobre "Campanhas de África - I Guerra Mundial".

O Programa de Palestras para os próximos meses de Abril, Maio, Junho e Julho é o seguinte: - "Terrorismo Internacional", pelo TCOR Cav Pimentel Furtado; - "Comunicação Social e Forças Armadas", pelo TCOR SGPq Miguel Machado; - "Geoestratégia da Água", pelo CAP Cav Sérgio Santos; - "Montes Claros", pelo SAR Mor Cav (Ref) Lourenço.

Também estão previstas duas conferências em meados de Maio, proferidas pelo Exmo GEN Martins Barreto e TGEN Sousa Pinto, que falarão das suas experiências no âmbito da deontologia, ética e liderança.

ROMAGEM AO TÚMULO DO MARQUÊS SÁ DA BANDEIRA



No dia 06 de Janeiro de 2005, a Academia Militar, com o apoio da EPC, prestou homenagem ao fundador da Escola do Exército, Marquês Sá da Bandeira, assinalando a passagem de mais um ano sobre o aniversário do seu falecimento (6 de Janeiro de 1876).

A cerimónia foi presidida pelo Exmo 2º Comandante da Academia Militar. Contou com a presença do Comandante da EPC, de delegações das duas unidades, representantes do Governo Civil e da Câmara Municipal de Santarém, diversas entidades civis e familiares do Marquês Sá da Bandeira, e decorreu inicialmente na Praça Marquês Sá da Bandeira e por fim no Cemitério de Santarém.

ESPERA DO TPO DE CAVALARIA 2004-2005

No dia 04 de Janeiro de 2005, ocorreu na Escola Prática de Cavalaria a tradicional "ESPERA DO TPO", que marcou o início do seu Tirocinio para Oficiais da Arma de Cavalaria.

Um grande número de Oficiais da Arma (no activo, na reserva e na reforma) esteve presente. Depois do trajeto em via-ferrea entre Santa Apolónia e Vale de Santarém, os



oito Tirocinantes de Cavalaria montaram numa viatura blindada Chaimite que os conduziu até ao local onde um significativo número de Oficiais da EPC os esperavam a cavalo, acompanhados dos Tirocinantes de 1954 e de 1979 que, na ocasião, comemoravam, respectivamente, os 50 e os 25 anos das suas "Esperas".

Percorridos cerca de 6 quilómetros pelos campos do Ribatejo, a *coluna a dois* a cavalo entrou na cidade de Santarém e terminou com o "A Pé", frente à Porta de Armas da Casa Mãe da Cavalaria.

VISITA DO 2º CMDT DA AM À EPC



No dia 24 de Fevereiro de 2005, o 2º Cmdt da Academia Militar (AM) MGEN Oliveira Cardoso deslocou-se em visita oficial à EPC, acompanhado do Director do Curso de Cavalaria, TCOR Cav Simões de Melo, para contactar e acompanhar a evolução do Tirocinio Para Oficial (TPO) de Cavalaria 2004/05 e trocar impressões quanto à sua preparação, face às condicionantes do actual sistema de formação.

XXI CONCURSO NACIONAL COMBINADO

De acordo com o calendário dos Campeonatos Desportivos Militares de 2005, a EPC realizou em 18 e 19 de Março o seu XXI Concurso Nacional Combinado (CNC), destinado a cavaleiros militares do Exército e da GNR, alunos da Academia Militar, dos Estabelecimentos Militares de Ensino e civis convidados. O XXI CNC da EPC teve duas séries - a Iniciação e a Preliminar -, participando 93 conjuntos no total, que constituiu o novo record de participações na prova. Pró-bem.■



Regimento de Lanceiros nº 2

JANTAR DE NATAL DE OFICIAIS E SARGENTOS DO RL2

O Regimento de Lanceiros Nº2 (RL2) realizou em 16 de Dezembro de 2004 o já tradicional "Jantar de Natal" de Oficiais e de Sargentos.

O Comandante do RL2, Coronel de Cavalaria David e Silva, deu as Boas Festas" e proferiu uma palavra amiga para com todos aqueles que, por vários motivos, não passem uma quadra feliz.

ACTIVIDADES DE NATAL DO RL2

No dia 17 de Dezembro de 2004, de modo a celebrar condignamente o Natal, o RL2 levou a cabo uma série de actividades, das quais se salientaram: a Missa de Natal, seguida de visita aos Presépios feitos por várias Secções e Subunidades do Regimento e o almoço de Natal em que estiveram presentes todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Civis.

"JANEIRAS" DO RL2



No dia 06 de Janeiro de 2005, as já tradicionais "Janeiras" do famoso "Grupo Coral do RL2" foram ao Comando e Quartel General do Governo Militar de Lisboa (QG/GML) para que, diante de Sua Exª o Governador Militar de Lisboa, TGEN Almeida Martins, fossem entoados os cânticos de Natal.

Seguiu-se D. Januário Torgal Ferreira, Vigário Castrense, que ouviu os mesmos cânticos na Igreja da Memória, situada na Calçada do Galvão. Essa igreja, sob a guarda do RL2 tem sepultado o corpo de Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido por Marquês de Pombal.

PROMOÇÕES NO RL2

Em 07 de Janeiro de 2005 foi comemorada a promoção a Tenente Coronel, a Alferes e a Sargento Mor de 3 (três) militares do RL2.



O espírito que uniu os militares foi simultaneamente de alegria e de felicitações pelo facto da progressão nas respectivas carreiras estarem difíceis.

VISITA AO RL2 DA CECD

No dia 17 de Janeiro de 2005, o RL2 recebeu a visita do Centro de Educação para o Cidadão Deficiente (CECD), de Mira Sintra.

Fizeram parte da comitiva cerca de 20 (vinte) utentes e 06 (seis) técnicos. A visita teve como fim proporcionar conhecimentos gerais acerca da *Arte Equestre* e facultar aos utentes do CECD um contacto tão próximo quanto possível com os cavalos.

DIA DO RL2



O RL2 celebrou no dia 04 de Fevereiro de 2005 o 172º aniversário. Presidiu à cerimónia Sua Exª o 2º Cmdt do GML, MGEN Cabaça Ruaz. Estiveram presentes também antigos Comandantes, 2ºs Comandantes, antigos Sargentos Mor e outros militares e civis que pertenceram ao RL2.

Depois da cerimónia, as várias entidades visitaram o museu da Unidade e seguiram para a Messe de Sargentos onde se realizou o almoço de confraternização.

JANTAR DE DESPEDIDA DO MGEN MANSILHA ASSUNÇÃO

Em 24 de Fevereiro de 2005 realizou-se no RL2 o jantar de despedida ao MGEN Alfredo de Mansilha Assunção. Este jantar foi organizado pelo Comando do RL2 e contou com a presença de todos os "camaradas de curso" do homenageado.

VISITA DE COMITIVA DO RC4



Em 02 de Março de 2005, uma comitiva do Regimento de Cavalaria Nº4 (RC4) visitou o RL2. Chefiava a comitiva o Exmo. Comandante do RC4, Coronel de Cavalaria Villa de Brito.

O Comandante Interino, Tenente Coronel de Cavalaria Cruz Silva, apresentou as boas vindas ao RL2. Durante a visita foi descerrada uma placa comemorativa do anterior aquartelamento daquele regimento em Lanceiros 2.

VISITA DE SUA EXª REVERENDÍSSIMA D. JANUÁRIO TORGAL MENDES FERREIRA



Em 10 de Março de 2005, visitou o Regimento de Lanceiros Nº2 (RL2) Sua Exª Reverendíssima D. Januário Torgal Mendes Ferreira, Bispo da Diocese das Forças Armadas e de Segurança. D. Januário reuniu-se no Refeitório das Legendas com todos os militares da Unidade e numa pequena "conversa" conseguiu transmitir directrizes que poderão mudar para melhor a nossa maneira de sermos militares.■



Regimento de Cavalaria nº 3



■ Em 11 de Novembro de 2004 comemorou-se o 86º aniversário da assinatura do Armistício da I Grande Guerra. O núcleo de Estremoz da Liga dos Combatentes, com o apoio do RC3, realizou a cerimónia militar junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, para relembrar esta data tão importante.



■ Realizou-se no passado dia 11 de Novembro na Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, a prova de Corta-Mato integrada no Campeonato Desportivo da Região Militar do Sul (RMS). O Regimento de Cavalaria 3 esteve presente com uma delegação de 21 atletas e competiu com equipas no I, II, III e IV escalão masculino e com uma equipa feminina. Em termos colectivos o RC3 alcançou um 2º lugar, um 3º lugar, dois 4º lugares e um 7º lugar.



■ O Regimento de Cavalaria 3 recebeu no passado dia 16 Novembro a visita do CEM da RMS, Exmo COR TIR CAV MÁRIO RUI CORREIA GOMES. Do programa da visita constaram: honras pela Guarda de Polícia, apresentação de Cumprimentos no Salão Nobre, "briefing" na Sala de Operações, visita às instalações e almoço no Palácio Reynolds.



■ O Regimento organizou e apoiou, em 04 de Dezembro, a visita de ex-militares do GCav 345 e seus familiares que, por ocasião de mais um aniversário sobre a data do seu regresso de Angola, decidiram organizar a cerimónia aos militares mortos em campanha, seguida da celebração da Eucaristia na Capela do RC3, do descerramento de uma placa comemorativa e do almoço de confraternização.



■ No dia 20 de Dezembro, o Regimento de Cavalaria 3 realizou a sua tradicional festa de Natal, que mais uma vez contou com a presença de Oficiais, Sargentos, Praças, Funcionários Cívicos e respectivas famílias. Após umas breves palavras do Exmo Comandante, que desejou a todos os presentes um Santo Natal, seguiu-se o momento mais esperado pelas crianças: a entrega de prendas. O convívio terminou com um jantar que foi servido no refeitório geral.



■ Decorreu em 14 e 15Fev05 no RC3 um Exercício de Tática de Reconhecimento com os Cadetes do 4º Ano de Cavalaria no âmbito da cadeira de Tática de Cavalaria, de forma LIVEX/FIX, na zona sectorial da Região da Serra d'Ossa. O exercício teve como objectivo o planeamento, coordenação e conduta de actividades no âmbito de Operações de Reconhecimento, no caso

concreto de um Reconhecimento de Itinerário. Estiveram empenhados no exercício 25 militares e 11 viaturas do ERec/BAI, 7 Cadetes e 1 Instrutor da Academia Militar.



■ Realizou-se de 24Jan05 a 04FEV05 o Campeonato de *Futsal* RMS – Fase Regional. Numa 1ª Fase as equipas foram divididas em duas zonas: Norte e Sul. A organização da 2ª Fase foi atribuída ao RC3 e decorreu de 31Jan05 a 04Fev05. Nesta Fase, o interesse principal centrava-se na Série A, donde sairia o vencedor deste Campeonato. De realçar o elevado nível competitivo de todas as equipas participantes, proporcionando excelentes jogos, deliciando os amantes e apreciadores de bom *Futsal*. A equipa representativa dos "Dragões de Olivença" sagrou-se vencedora do Campeonato, fruto do excelente trabalho de equipa, do forte espírito de grupo, da amizade, da ambição e da garra!



■ Em virtude de existir um número considerável de militares que praticam BTT (Bicicleta Todo o Terreno) a nível da Região Militar do Sul (RMS), realizou-se no dia 22 de Dezembro de 2004, pelas 09H30, o primeiro passeio de Natal em BTT - RC 3.

O evento teve a participação de várias Unidades e Estabelecimentos Militares da RMS, da Câmara Municipal de Estremoz, da PSP e da GNR de Estremoz. O passeio tinha: cerca de 30 km de distância, duração aproximada de duas horas e trinta minutos e dificuldade baixa. O percurso estabelecido abrangeu a região da Glória, da Fonte do Cerejal, da Herdade das Carvalhas e de algumas pedreiras de mármore.■



Regimento de Cavalaria nº 4

CERIMÓNIAS COMEMORATIVAS DO DIA DO REGIMENTO

O Regimento de Cavalaria N.º 4 celebrou em 13 de Março de 2005 o seu 243º Aniversário, dia em que se recorda a Batalha de Viella de 1814, em França, durante a Guerra Peninsular.

No âmbito das comemorações do Dia da Unidade realizou-se:

■ Em 02Mar05 um **Circuito Histórico** pelos principais locais onde o RC 4 esteve sediado: Feitoria de S. Julião da Barra local, Regimento de Lanceiros 2 e Escola Prática de Cavalaria.

■ Entre 04 e 06Mar05 uma **Exposição fotográfica e de equipamentos** do RC 4 em Alcobça.

■ Entre 06 e 08Mar05 a **I Marcha a cavalo de Alcobça a Santa Margarida**, numa extensão de aproximadamente 100 Km e unindo as povoações de Alcobça - Porto de Mós - Fátima - Torres Novas - Golegã - Santa Margarida.

■ Em 11Mar05 o programa de eventos comemorativos do **Dia do RC4**, dignificado pela presença de diversas personalidades cívicas e militares que se associaram ao Regimento na evocação dos seus feitos. Presidiu às cerimónias o Tenente General Eduardo Alberto Madeira de Velasco Martins, Director Honorário da Arma de

Cavalaria.

Desse programa do dia 11Mar05 destacaram-se os seguintes eventos:

■ Missa de Sufrágio pelos Mortos do RC4 na Igreja do Campo Militar de Santa Margarida;

■ Guarda de Honra ao TGEN Velasco Martins.

■ Cerimónia de Homenagem aos Mortos, lembrando todos quantos prestando serviço no Regimento tombaram em defesa da Pátria.

■ Cerimónia Militar, que teve como ponto alto, a alocução proferida pelo Exmo. Comandante do Regimento, Coronel de Cavalaria Luís Villa de Brito. Esta cerimónia incluiu ainda a imposição de condecorações a militares do Regimento.

■ Conferência subordinada ao tema "A Guerra Peninsular" distintamente proferida pelo Cor Inf Américo José Henriques.

■ Lançamento, pelo Dr. Miguel Vicente, da miniatura do Tenente Bernardo de Sá Nogueira, "Marquês Sá da Bandeira", antigo Oficial do 4 de Cavalaria e herói da batalha de Viella. O exemplar nº 1 foi oferecido ao TCOR FAP Luiz de Sá Nogueira, neto do Tenente Sá Nogueira.

■ Almoço convívio no final das comemorações.■





Regimento de Cavalaria nº 6

ACTIVIDADE OPERACIONAL



■ Decorreu no dia 21 de Dezembro de 2004, um Exercício do ERec/RC6/BLI, na Região da Serra da Cabreira. Este exercício, efectuado pelo Núcleo Recuado do Esquadrão de Reconhecimento e pela parte proporcional de apoio de serviços, visou a execução de operações de reconhecimento e de várias técnicas / tarefas no âmbito das Operações de Apoio à Paz (OAP).

OUTRAS ACTIVIDADES

■ O Regimento participou com 80 militares, na cerimónia de Abertura do Euro 2004 que decorreu no Estádio do Dragão, no dia 12 de Junho de 2004.

■ Realizou-se nos dias 09, 10 e 11 de Julho de 2004 o XXI Concurso Nacional Combinado que contou com a presença de cerca de 90 concorrentes, militares e civis, especialistas na arte de bem cavalgar.

■ O Regimento de Cavalaria nº 6, constituiu-se desde o dia 06 de Outubro de 2004 como um dos Centros de Divulgação de Defesa Nacional, recebendo diariamente cerca de 120 jovens, que durante um dia travam conhecimento das actividades de uma unidade militar. Essas acções, da iniciativa do Ministério da Defesa Nacional, têm como objectivo principal angariar candidatos para o serviço militar.

■ Realizou-se no dia 29 de Setembro de 2004 na Biblioteca do Regimento de Cavalaria Nº 6, uma Sessão de Informação sobre "Violência Doméstica" proferida pela Associação Estrada Larga.

■ Em 11 de Novembro, o Regimento de Cavalaria Nº 6 comemorou o Dia de S. Martinho com um almoço efectuado no Refeitório Geral.

■ Nos dias 16 e 17 de Dezembro, tiveram lugar um conjunto de actividades inseridas no programa da Festa de Natal. Salientou-se a realização, no dia 16 de Dezembro, no âmbito do Ano Internacional da Família uma palestra subordinada ao tema - EU E A MINHA FAMÍLIA, proferida pelo Dr Carlos Aguiar Gomes, presidente da Associação Famílias.

■ No dia 17 de Dezembro foi realizada a final do Torneio de Futebol, a já tradicional Corrida de Natal, e foi ainda celebrada uma Eucaristia.

■ Decorreu no passado dia 10 de Março de 2005 uma Palestra relativa a sensibilização sobre prevenção rodoviária, proferida pelo Sr Miguel Luz da *Prevenção Rodoviária Portuguesa*.

CERIMÓNIAS

■ Participação na homenagem aos Mortos do Ultramar do concelho de Caminha (04Jun04);

■ Participação na Procissão de S. João na cidade de Braga. (24Jun04);

■ Cerimónia de Juramento de Bandeira do 4T/04 do Novo Sistema de Instrução do Exército (02Jul04);

■ Comemoração do Dia da Unidade presidida pelo Exmo MGEN Mansilha Assunção, 2º Comandante da RMN.

■ O Regimento de Cavalaria Nº6 participou nas comemorações do Dia do Exército realizadas na cidade do Porto no dia 04 de Outubro de 2004.



■ Decorreu no passado dia 09 de Novembro a cerimónia de tomada de posse do novo Comandante do Regimento, Coronel de Cavalaria Francisco Joaquim da Costa Lopes.

■ Participação na Cerimónia do Dia de Finados no Cemitério de Monte D'Arcos, em Braga, no dia 02 de Novembro;

■ Participação na Comemoração do 86º aniversário do Armistício, em Braga, no dia 11 de Novembro;

■ O Regimento de Cavalaria Nº 6 participou no dia 06 de Março de 2005 na Procissão do Senhor dos Passos com uma Secção Apeada (01 Sargento e 09 Praças), constituindo uma Guarda de Honra ao Pálio (Marcha e Procissão).

VISITAS AO RC6

■ O Regimento recebeu no dia 1 de Junho de 2004 - Dia Mundial da Criança - cerca de 255 crianças acompanhadas com os respectivos professores;

■ O Regimento foi visitado por diversas escolas: Escola de Atães de Baixo (07 Junho); Jardim de Infância de Monte, Nogueira (09 Junho); Escola E.B 2,3 de Real (17 Junho); Escola E.B 1 de Nogueiró (21 Junho); Jardim de Infância Bracara Augusta (28 Junho); Associação S. José (13 Julho); Colégio D. Diogo de Sousa (15 de Julho); ATL - Casa do Pica Pau (26 Julho);

Centro Social S. Tiago do Lobão (28 Julho) e Centro de Estudos - Génios.com (29 Julho)

■ Em 11 e 12 de Agosto de 2004, o Exmo TGEN Abrantes dos Santos, General Inspector do Exército, efectuou uma visita de trabalho ao Regimento com vista à acção de avaliação do RC6, no sentido de concluir sobre as condições da Unidade para receber simultaneamente o Grupo de Auto Metralhadoras e o Esquadrão de Reconhecimento da BLI.

■ Realizou-se nas instalações do Regimento, o 9º Encontro de Antigos Militares do EXR18 que contou com a presença dos Exmos TGEN Cipriano Alves, MGEN Pinto Ferreira e COR Guimarães.



■ Colégio D. Diogo de Sousa de Braga, 27 e 28 Outubro e 08 Novembro de 2004; Agrupamentos de Escolas do Pico dos Regalados, 02 de Fevereiro e 16 de Fevereiro de 2005; Escola EB 2,3 Caldas das Taipas, 17 de Fevereiro; Agrupamento de Escolas de Vieira do Minho, 21 de Fevereiro; Escola EB 1 Ferreiros, Amares, 03 e 04 de Março; Escola EB 2,3 António Feijó, 16 de Março; Centro Psicopedagógico OTL, Ponte Pedrinha, 21 de Março.

■ Em 29 de Outubro visitou o Regimento o Exmo MGEN Fernando Pereira dos Santos Aguda, Sub-Director da Direcção Geral de Pessoal e Recrutamento Militar do Ministério da Defesa Nacional, no âmbito do Dia da Defesa Nacional.

■ No dia 11 de Janeiro de 2005, o Regimento de Cavalaria Nº6 acolheu a visita da sua Ex.ª o Ministro de Estado, da Defesa Nacional e Assuntos do Mar, Dr. Paulo Portas. Esta visita teve como objectivo o acompanhamento das actividades do Centro de Divulgação de Defesa Nacional (CDDN), instalado neste Regimento desde o dia 06 de Outubro de 2004.

APOIOS

■ Apoio em alojamento e alimentação à Associação de "Ida e Volta", que participou na 15ª Edição do Encontro Internacional de Gigantones e Cabeçudos da Cidade de Braga (19,20 e 21 Jun04), e à organização do 6º Festival Internacional de Folclore da Cidade de Braga (22 a 29 Ago04);

■ Apoio em alojamento à Sociedade Recreativa "Temporários" que participou na recriação histórica "Bracara Augusta" (10, 11 e 12 Jun04).

GALE - Grupo de Aviação Ligeira do Exército



COOPERAÇÃO COM O CEFAMET

O Curso de Pilotos de Helicóptero do Exército de Terra de Espanha visitou o GALE, em 19 de Outubro de 2004, no âmbito das suas missões de navegação.

Para além dos objectivos de formação que este tipo de visita comporta, constituiu uma oportunidade especial de partilha de experiências e de reforço dos laços de amizade e de cooperação técnico-profissional, designadamente na área de formação de pilotos para o GALE, e que se verificam há mais de dois anos com o Centro de Enseñanza de Helicópteros das Fuerzas Aeromóveis del Ejército de Tierra.



CORTA-MATO

No dia 26 de Outubro de 2004 realizou-se o corta-mato da Unidade e as cerimónias militares, que tiveram lugar no dia 27 de Outubro, foram presididas pelo

Comandante Operacional das Forças Terrestres, o Exmo TGEN António Luís Ferreira do Amaral.



SEMINÁRIO DA JAA (JOINT AVIATION AUTHORITIES)

O GALE levou a efeito um seminário sobre a JAA, nos dias 27 e 28 de Outubro de 2004, em que foram oradores convidados os senhores Dr. Luís Cardoso Ribeiro, Licensing Sectorial Team Co-ordinator - JAA - NL, e o Comandante Amílcar Godinho, Director da European Aeronautical Academy - PO.

Tratou-se de uma acção que se revestiu de particular interesse para o pessoal da Unidade, especialmente para os pilotos e demais pessoal navegante, que assim dispôs de uma oportunidade ímpar para se actualizar em termos de regulamentação aeronáutica.



DIA DA UNIDADE

O GALE comemorou mais um dia festivo, evocando o dia 27 de Outubro de 1921, data em que, pela primeira vez, dois aviões pilotados pelos capitães de cavalaria Ribeiro da Fonseca e Luís Gonzaga aterraram em Tancos e simultaneamente foi inaugurada a "Esquadrilha Mista de Depósito".

II DUATLO DO GALE

Depois de uma experiência bem sucedida em 2003, o GALE realizou no dia 14 de Dezembro de 2004 o seu II Duatlo.



Com esta realização pretendeu-se contribuir para o desenvolvimento da condição física, reforçar o espírito de corpo e de camaradagem e o convívio entre os militares das equipas participantes das diferentes Unidades.



VISITA DO GENERAL CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

O Exmo Senhor General Chefe do Estado Maior do Exército realizou, em 15 de Dezembro de 2004, uma visita ao GALE.

A visita decorreu num momento particularmente sensível para o futuro desta nova Unidade do Exército e revestiu-se de especial importância para todo o pessoal que aqui serve.

Constituiu, por um lado, a reafirmação clara e inequívoca de que o GALE representa para o Exército muito mais que uma antiga aspiração. Acima de tudo, é também um factor de modernidade inadiável e inquestionável que em muito contribuirá para aumentar as suas capacidades. E, por outro, o sinal evidente de esperança no seu futuro próximo e estímulo na preparação à recepção e operação em segurança dos primeiros helicópteros que nos vierem a ser atribuídos.■

GNR - Guarda Nacional Republicana

1. HISTÓRIA

O Regimento de Cavalaria foi organizado a 5 de Abril de 1922, dando cumprimento ao Decreto N°8064, de 21 de Março do mesmo ano, integrando a Guarda Nacional Republicana, um corpo de segurança para a ordem pública criado por decreto de 3 de Maio de 1911 e que se destinava a substituir as Guardas Municipais da Monarquia constitucional, extintas logo após a implantação da República, em Outubro de 1910. No entanto, a origem deste tipo de forças de segurança remonta à dinastia afonsina, quando homens armados de vara ou lança, conhecidos por "quadrilheiros", asseguravam a protecção dos habitantes dos municípios. Apesar de algumas disposições régias para enquadrar a sua actividade, sobretudo nos reinados de D. Fernando e de D. Sebastião, só no tempo de Filipe II, por alvará de 1603, é que esta

Força ganha estatuto normativo consolidado, com a criação do Corpo de Quadrilheiros, cujos elementos eram recrutados entre os homens bons das paróquias. Em 1801, este Corpo foi extinto pelo Intendente Pina Manique, que o substituiu pela Guarda Real de Polícia, mais adaptada às exigências de segurança nos centros urbanos, em franco desenvolvimento.

Disponha a Guarda Real, para além das companhias de Infantaria, de quatro companhias de Cavalaria dispersas pela cidade de Lisboa (cada uma com responsabilidade sobre uma área de patrulhamento) e de uma outra (a partir de 1824) na cidade do Porto. Esta Guarda adquiriu desde então um carácter militar, quer porque os efectivos fossem recrutados entre elementos válidos do Exército, quer porque a sua estrutura orgânica e regime normativo e disciplinar se assemelhassem aos das forças militares. No entanto, devido à sua conotação miguelista, a Guarda Real seria por sua vez extinta em 1834, após a vitória do campo liberal na guerra civil.

Nesse ano, D. Pedro IV cria em seu lugar a Guarda Municipal de Lisboa (em 1835, seria criada também a do Porto), dotada de seis companhias de Infantaria e três de Cavalaria, estas últimas aquarteladas em Entremuros (depois transferida para o Cabeço de Bola), no Colégio dos Nobres (para no ano seguinte se mudar para o Convento do Carmo) e em Alcantara. Uma quarta companhia de Cavalaria viria a instalar-se igualmente em Cabeço de Bola, em 1894, ano

em que estas companhias passam a denominar-se esquadrões.

Substituída a Guarda Municipal pela Guarda Republicana, em 1910, que no ano seguinte adoptaria a designação de Guarda Nacional Republicana, o Regimento de Cavalaria terá que esperar quase doze anos para que o decreto da sua criação seja publicado, integrando os antigos esquadrões 1 e 2 da guarda monárquica. O Primeiro Esquadrão fica sediado no Carmo, o Segundo, juntamente com o Comando, em Cabeço de Bola, o Terceiro em Braço de Prata, o Quarto em Telheiras e o Quinto (de efêmera existência, pois foi extinto em 1926) em Campolide. Ainda em 1926, o Quarto Esquadrão acabaria por ser transferido para a Ajuda, onde permanece até hoje. Em 1944, o Segundo Esquadrão, acompanhando a evolução da arma de Cavalaria, passa a motorizado, permanecendo os restantes três a cavalo. Em 1947, foi criado um novo esquadrão, constituído por elementos destacados dos restantes, no Barreiro - foi o Esquadrão Destacado do Barreiro, geralmente a dois pelotões a cavalo e um motoblindado e que existiu até Janeiro de 1976, ano em que os seus efectivos recolheram aos esquadrões de origem.

Em 1955, a formação de efectivos do Comando do Regimento passa a designar-se por Esquadrão de Comando (então em Cabeço de Bola, juntamente com o Segundo Esquadrão). Em 1972, o Primeiro Esquadrão foi desactivado mas em contrapartida,

em 1993, foi criado o Esquadrão Presidencial, junto do Palácio de Belém, definitivamente completado em Março de 2000. Em 1995, o Comando, o Estado Maior e o Esquadrão de Comando abandonam o quartel de Cabeço de Bola para se instalarem junto ao aquartelamento do Quarto Esquadrão, na Calçada da Ajuda.

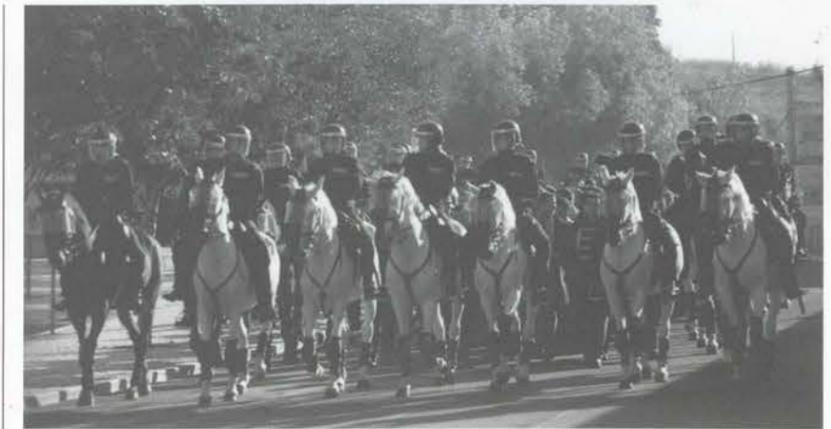
Em 1 de Julho de 2000, são criados os primeiros Pelotões Ciclo para Patrulhamento em BTT.

Em Novembro de 2003 - São projectadas (pela primeira vez) forças do Regimento de Cavalaria para uma Missão Internacional de Apoio à Paz - Iraque.

Durante o EURO 2004, o regimento de Cavalaria esteve presente em acções de policiamento e manutenção da ordem, com pelotões a cavalo, em todos os Estádios onde se realizou o Evento.

2. MISSÃO

O Regimento de Cavalaria constitui uma Unidade de Reserva às ordens do Comandante-Geral da Guarda Nacional Republicana.



Escolta a cavalo a "claque" de futebol.

Está em condições de intervir em qualquer área da responsabilidade da Guarda e de executar serviços de guarnição, de segurança, honoríficos e de representação.

Tem a seu cargo a remonta de solípedes, em colaboração com a Chefia do Serviço Veterinário.

3. CONSTITUIÇÃO ACTUAL E LOCALIZAÇÃO

- Comando e Esquadrão de Comando - Ajuda
- 2º Esquadrão, Moto-Blindado - Cabeço de Bola
- Esquadrão Presidencial - Palácio Nacional de Belém

- Grupo de Esquadrões a Cavalo - Comando na Ajuda
- 3º Esquadrão, a Cavalo - Braço de Prata
- 4º Esquadrão, a Cavalo - Ajuda
- Grupo de Ensino e Desbastes de Solípedes - Ajuda

4. PRINCIPAIS ACTIVIDADES

- Segurança aos Palácios Nacionais de Belém, Ajuda e Queluz, e ao Comando-Geral da GNR;
- Patrulhamento a Cavalo, Motorizado e BTT em apoio e reforço às Unidades da GNR e PSP;
- Segurança e Manutenção da Ordem Pública nos principais Estádios de Futebol, em apoio e reforço às Unidades da GNR e PSP;
- Escoltas de Segurança a transportes de valores;
- Estafetas-moto à Presidência da República, Governo e outras entidades civis e militares;
- Escoltas de Honra a Cavalo e Motorizadas, a Chefes de Estado e Embaixadores;
- Guardas Honoríficas em cerimónias oficiais;
- Exibições da Charanga a Cavalo e Carrossel-moto;
- Render da Guarda ao Palácio Nacional de Belém (terceiro Domingo de cada mês).■



Escolta de Honra a cavalo a Chefe de Estado.

Promoções, Nomeações e Óbitos

PROMOÇÕES A

POSTO	ARMA	NOME	APELIDO
COR	CAV	FERNANDO ALVES DA	COSTA
COR	CAV	JOÃO PAULO SILVA ESTEVES	PEREIRA
TCOR	CAV	JOSÉ TULIO MARQUES DA	SILVA
TCOR	CAV	ANTÓNIO M. DE A. DOMINGUES	VARREGOSO
MAJ	CAV	DONATO HELDER DA COSTA	TENENTE
MAJ	CAV	LUÍS MANUEL C. RELVAS	MARINO
MAJ	CAV	ANTÓNIO MANUEL BATISTA	LOPES
CAP	CAV	ROBERTO CARLOS PINTO DA	COSTA
CAP	CAV	VASCO CAVALEIRO DA CUNHA	BRAZÃO
CAP	CAV	JOSÉ ANTÓNIO CARVALHO DE SOUSA	ROSA
SCH	CAV	CARLOS BATISTA	SEIXAS

A Associação Revista da Cavalaria manifesta os sinceros parabéns a todos os militares de Cavalaria promovidos!

NOMEAÇÕES

POSTO	ARMA	NOME	CARGO
TCOR	CAV	CARLOS NUNO GOMES E SIMÕES DE MELO	2º Cmdt do CMEFD
TCOR	CAV	RUI FERREIRA	Cmdt NTM-1 (Iraque)
MAJ	CAV	HENRIQUE JOSÉ CABRITA GONÇALVES MATEUS	S3/BMI
MAJ	CAV	JORGE MANUEL E. G. PEDRO	2º Cmdt GCC

A Associação Revista da Cavalaria deseja as maiores felicidades a todos os militares de Cavalaria nomeados para os novos cargos!

ÓBITOS

POSTO	ARMA	NOME	DATA DO ÓBITO
COR (Ref)	CAV	JOÃO ISIDRO PINTO CLARA	13Mar05
TCOR (Ref)	CAV	HENRIQUE JOSÉ B. GUERREIRO QUINTA-NOVA	29Abr05
MAJ (Ref)	CAV	FERNANDO REIS CARVALHO	17Mar05
1SAR (Ref)	CAV	DOMINGOS AMIGUINHO BELCHIOR	02Fev05
FUR RC	CAV	JOAQUIM MANUEL A. FACADINHAS	01Dec04

A Associação Revista da Cavalaria manifesta os sentidos pêsames às famílias dos militares de Cavalaria falecidos. PAZ ÀS SUAS ALMAS!



SEDE:
2640 - 492 MAFRA - Terreiro D. João V
Telefs. 261811195 - 261911945
Fax 261814832
Email : ccam.mafra@mail.telepac.pt

**MOTOR
 DO DESENVOLVIMENTO DO
 CONCELHO**

Patria

TECNOLOGIA DO FUTURO SOBRE RODAS



Sta. MARGARIDA 29/07/2004



TROIA 04/08/2004



HÄMEENLINNA 21/04/2005



ESTREMOZ 26/07/2004

A 4ª geração da Patria AMV é a mais recente viatura a juntar-se à família de veículos da Patria. Construção altamente modular, com características superiores de mobilidade na estrada e em todo-o-terreno, adapta-se facilmente a uma variedade de configurações e de finalidades e opções técnicas no terreno. Ao nível de sistema, isto significa a flexibilidade em termos de motor, aquecimento, AC, NBQ ou do sistema de rodados. E de acordo com a missão, conversão fácil em vários modelos, versões e/ou equipamento.


www.patria.fi Tecnologia Provada
 Vehicles

Patria Vehicles Oy
 Autotehtaan tie 6
 FI-13100 Hämeenlinna, Finland
 Tel. +358 20 4691
 Fax +358 20 469 6684
vehicles@patria.fi